

CIRO MARCONDES FILHO

MEMORIAL

**Para o cumprimento das exigências
do edital do D.O. de 7.8.86,
para o provimento do cargo de Professor Titular
junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração
da Escola de Comunicação e Artes da USP**

**Quante volte mi sono domandato
se legarsi a una massa era possibile
quando no si era mai voluto bene a nessuno,
neppure ai propri parenti,
se era possibile amare una collettività
se non si era amato profondamente
delle singole creature umane.**

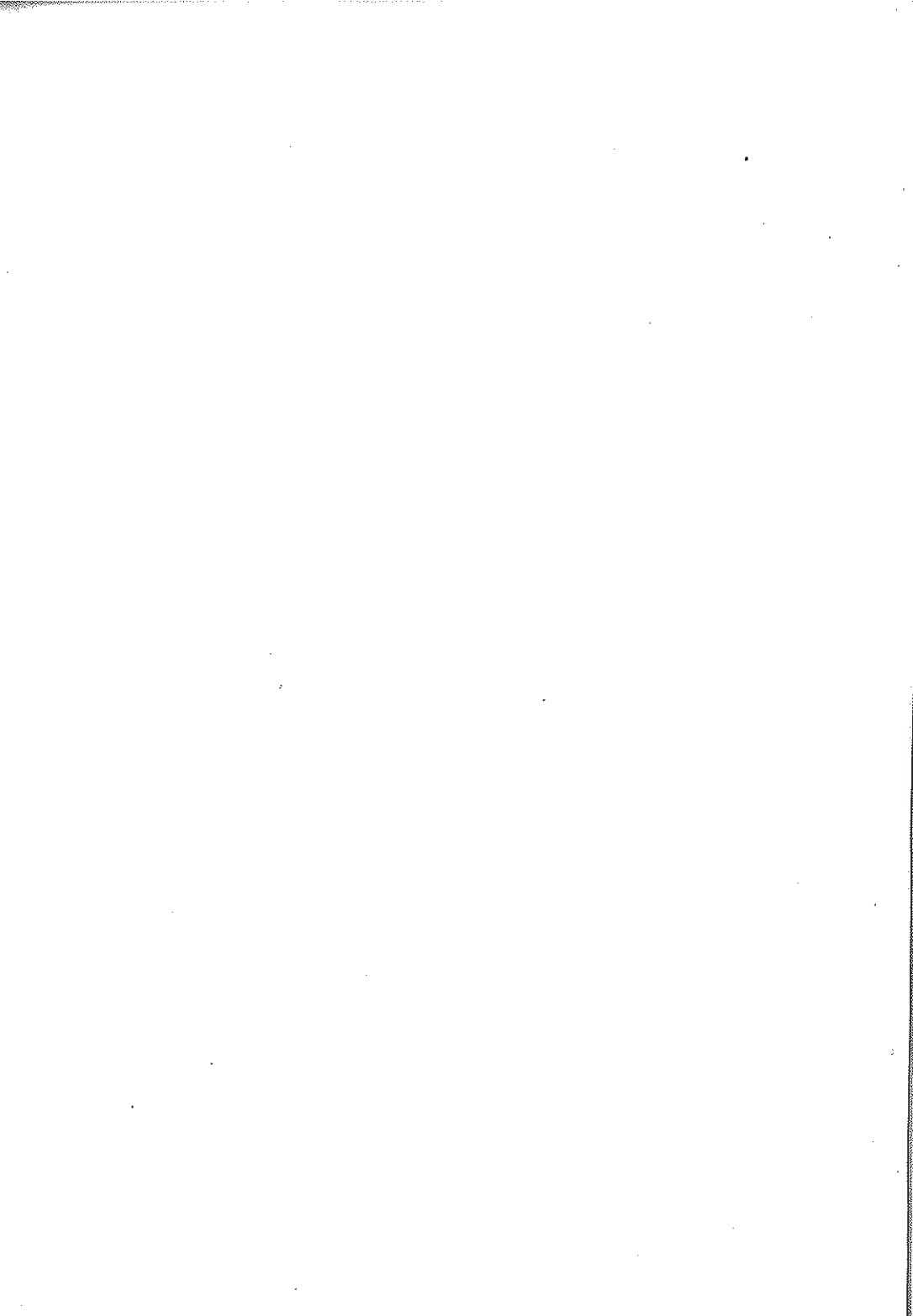
**Non avrebbe ciò avuto un riflesso
sulla mia vita di militante,
non avrebbe ciò isterilito
e ridotto a un puro fatto intellettuale,
a un puro calcolo matematico
la mia qualità di rivoluzionario?**

Antonio Gramsci

Capa: "Dilemma", de O. Gulbransson, 1912

SUMÁRIO

1. Os que não nasceram póstumos	9
2. O vermelho e o negro	13
3. Revoluções teóricas	23
4. Intelectuais mecânicos e o valor de uso da ciência	33
— Entre idealismo pragmático e ceticismo especulativo	33
— Restos de Frankfurt	41
— Intelectual e o circo da comunicação	51
5. Fabricações de cabeças	77
6. Jogos de alvos e artilheiros	87
7. Escravos e missionários	95
8. Referências comprobatórias	101
9. Notícia biográfica	117



Observação preliminar

Este memorial foi redigido de forma não-convencional. Respeitando as determinações da portaria do Diário Oficial de 7 de agosto de 1986, que declarou aberto o concurso para provimento do cargo de professor titular no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da USP, assim como as normas para o julgamento do memorial nela constantes, apresento os itens exigidos (1. produção científica, literária, filosófica ou artística; 2. atividades didáticas; 3. atividades de formação e orientação de discípulos; 4. atividades profissionais vinculadas às matérias em concurso), nos seguintes capítulos deste documento: 1. Intelectuais mecânicos e o valor de uso da ciência (capítulo 4); 2. Fabricações de cabeças (capítulo 5); 3. Jogos de alvos e artilheiros (capítulo 6); 4. Escravos e missionários (capítulo 7).

A documentação e as referências comprobatórias aparecem no fim do volume, no capítulo 8. As informações de cada página do texto aparecem nessa seção final, elaborada seqüencialmente por ordem de páginas, acompanhando a exposição.

Tomei a liberdade de iniciar o texto discorrendo sobre o ato de escrever um memorial, seguido de minha trajetória de vida e como intelectual. Acredito, com isso tornar menos maçante o trabalho de uma banca, composta de professores do mais alto nível, que, vez por outra, fazem a gentileza de participar de um concurso desta natureza, normalmente exaustivo, demorado e, não raro, carregado de formalismos exigidos por nossa burocracia.

A redação procurou ser leve e contínua. Achei que a descrição pormenorizada de um curriculum vitae, além de nada trazer de empolgante, mais encobre do que revela a verdadeira condição do candidato.

A apresentação, em formato de revista, buscou, pelo lado visual, corresponder à leveza procurada neste texto.

1. Os que não nasceram póstumos

Escrever um memorial é um trabalho complexo. Se não se quiser ficar no enfadonho de uma relação de cursos, títulos, livros e palestras, que se assemelha a um relatório de empresa, é preciso muito cuidar. Um memorial "em prosa" pode facilmente redundar num entediante exercício narcisista, irritando ainda mais a banca de arguidores que irá julgar o candidato.

Já participei de inúmeros concursos, de ingresso à carreira, de livre-docência, ou simplesmente para obter um cargo de professor contratado na universidade. Contrariamente às defesas de teses, nesses concursos pretendia-se avaliar o sujeito e toda a sua obra intelectual em apenas algumas horas.

Esse ritual, sem dúvida sobrevivente das antigas práticas de iniciação, permanece hoje na universidade, guardando no entanto só o lado formal da prova. É mais do que sabido que ninguém pode ter toda a vida intelectual avaliada em alguns dias, para os membros da banca - eles também, ocupados até o pescoço com suas próprias obrigações - darem um veredito sobre a qualidade do candidato.

Parece-me mais verdadeiro, especialmente na nossa época, a avaliação derivada da própria sociedade em que o candidato vive, na medida que seu trabalho é reconhecido, valorizado, seguido etc. Entretanto, bem o sabemos, muitos dos grandes pensadores só puderam ter o merecido reconhecimento após a morte. Por ainda não estarem, como Nietzsche, no seu tempo, "nasceram póstumos". Mesmo os gênios pequeninos e particularmente estes, não têm chance de aparecer. Sabemos quantos jovens pesquisadores e intelectuais, portadores de grande capacidade intelectual ou profissional, não encontram espaço de atuação, porque são desconhecidos ou ignorados pelos demais. José Artur Giannotti acha, em seu último livro, que o poder na universidade está dividido entre os "sabidos" e os burocratas. Os verdadeiros sábios (Florestan Fernandes,

Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido) jamais o tiveram. Por isso, ou seja, pelo fato de o acesso aos recursos, aos apoios, aos financiamentos de pesquisa e a tudo o mais que possa projetar jovens cientistas em sua carreira e torná-los reconhecidos estar nas mãos destes estratos menos produtivos qualitativamente mas muito mais atuantes na pequena política, nos conchavos, no populismo de assembléias e reuniões com alunos, é que bons intelectuais não têm chance de aparecer.

Tanto na época de Nietzsche (o mesmo aconteceu com Marx) como no presente (veja-se o caso de renomados pesquisadores como Jürgen Habermas, impedido de lecionar em Munique), os espaços para afirmação intelectual dos que possuem mais valor são sistematicamente bloqueados pelos burocratas do ensino que, por não produzirem nada de sério ou de relevante no campo intelectual, armam-se de um poderoso esquema de defesa das posições conquistadas, não descartando os expedientes mais antiéticos e baixos para se manterem. Isso lhes garante não somente posições de chefia institucional, mas também livre acesso - a eles e a seus discípulos - a entidades financiadoras de pesquisas, viagens, meios de publicação e projeção acadêmica, apesar do vazio qualitativo de suas propostas.

A discussão, portanto, em um memorial, das obras que o candidato publicou, das revistas que teve acesso, de quantas reuniões científicas participou, parece-me bastante prejudicada, já que todos esses mecanismos de promoção intelectual pertencem em maior ou menor parte às esferas de poder que os burocratas lutam por controlar. Não raramente são os que mais publicam, não vexando-se mesmo em apontar como "produção científica" textos que não passam de relatórios para as agências financiadoras de pesquisa, das quais são consultores, ou, até mesmo, programas de curso. Dentro de um único princípio, o de apresentar um grande volume de publicações, não importa do quê.

Nessa lógica, o pesquisador que por questões de princípio não pretende fazer esse

jogo, mantendo-se seriamente em sua investigação, descartando as ofertas e as tentações dos burocratas (que sempre vêm associadas a outros compromissos, de natureza duvidosa), vai sendo paulatinamente ignorado por iniciativa de seus colegas, quando não é ostensivamente prejudicado por aqueles que detêm os poderes no departamento ou na unidade de ensino. Creio que todos os componentes da banca sabem a que estou me referindo, porque de uma forma ou de outra já devem ter vivenciado em suas próprias unidades situações semelhantes.

A produção de um memorial, portanto, se pretende ser uma auto-exposição acadêmica de toda uma trajetória intelectual não pode ser analisada sem a consideração desses fatos, que relativizam completamente a apresentação nominal e quantitativa das produções feitas.

Tentarei afastar-me dos desvios narcisistas, que tanto seduzem alguns autores na autodescrição de sua obra, por achar que tal "estilo", além de pouco simpático ao leitor, geralmente se subtrai à auto-avaliação crítica. Mesmo esta acredito pertinente num memorial desta natureza. Toda a produção intelectual - com seus erros ou acertos - devo exclusivamente a mim mesmo. Não tive padrinhos nem "preceptores intelectuais" que me pegassem pela mão e apontassem os "caminhos corretos". Ao contrário, em minha trajetória intelectual constata-se uma marca constante, a de rejeitar qualquer espécie de tutela intelectual, tenha sido ela de contemporâneos ou de clássicos do pensamento. Essa é a única forma, acredito de se afirmar a autonomia do pensamento.

2. O vermelho e o negro

Por que uma pessoa se torna um intelectual? Que desconhecidas forças compelem um sujeito à atividade da reflexão. Será que - como dizem os "práticos" - os intelectuais são apenas párias da sociedade que não trabalham no braçal, garantindo sua sobrevivência somente no fato de "pensar os outros, a sociedade e a natureza"?

Este preconceito empirista encontra justificativa nos regimes totalitários. O fascismo era radicalmente anti-intelectual; o único espaço para os pensadores se manifestarem era na concordância ou na justificativa do status quo. Há algo de incômodo em todos os níveis e tipos de denominadores no trabalho do pensador: refletir não é apenas parar de trabalhar (interromper o ciclo da produção), mas é também pensar o ato de trabalhar, o espaço de questionamento dos meios e fins, dos princípios, do sentido, da razão. Um homem torna-se intelectual antes de mais nada porque coloca a questão da própria racionalidade da existência social.

Tenho a impressão de que a propensão à atividade científica (reflexão, pesquisa, procura) vai um pouco além da *Wissbegierde* de que falava Freud. Nela, a nossa necessidade de conhecimento surge de outra necessidade original, a de saber, ver, descobrir o que há por trás da sexualidade; seria derivação, portanto, de um certo voyeurismo. Isto reduz demais essa pulsão de saber que anima os intelectuais à investigação e à reflexão. O fato mais provável - talvez explicando porque duas crianças da mesma família, com a mesma educação e sofrendo os mesmos efeitos do ambiente social tornem-se, quando adultas, completamente diferentes em relação ao seu psiquismo, projetos de vida e ideologia -, é que sobre determinadas predisposições originais, o meio social atua no sentido de desenvolver ou não capacidades, interesses e inclinações.

Ninguém nasce intelectual, da mesma forma como ninguém pode ser transformado em intelectual apenas por exigência dos pais, do meio

ou da cultura. É da combinação disso que se desenvolvem as tendências originalmente latentes.

Freqüentei a escola primária antes dos sete anos, o que não era praxe nos anos 50. A relação com a cultura impressa dar-se-ia pouco depois, aos nove anos aproximadamente, com a visita quase diária à Biblioteca Municipal do Alto de Pinheiros, em São Paulo. Dois fatos destacaram-se nesse período: a busca, na leitura, de meios que me fizessem dar corda à imaginação, através da leitura de livros de aventuras para crianças e adolescentes, bem como de livros de Monteiro Lobato. Além disso, agradava-me mais a hora obrigatória que devíamos, todas as crianças, passar na seção de livros, do que as seguintes, que poderíamos passar - uma vez cumprido o "castigo inicial" da leitura obrigatória - na seção de jogos.

A leitura envolvia-me num mundo de aventuras e sonhos diurnos, retirando-me da troca, sem dúvida também necessária, com o ambiente ao redor. Somente neste sentido concordo com o pressuposto freudiano de que a inclinação intelectual aparece como derivação da curiosidade original infantil (sexual).

A busca de aventuras e historietas agradáveis, além de penetrar em certas situações objetivamente não-vividas ou demasiado bloqueadas pelas possibilidades sociais, conduzia a um certo ir a fundo nas coisas por via indireta. Possivelmente, o silêncio dos pais em relação a temas instigantes para uma criança dá comichões intelectuais em outras áreas e a força a buscar respostas por si mesma. Se não as encontra nos amiguinhos, vai persegui-las nos livros...

De qualquer maneira, tive uma iniciação precoce no mundo dos livros e posso dizer, com segurança, que me sentia bem no meio (porque não dizer, escondido atrás) deles. Pude desenvolver, paralelamente à educação formal, uma prática constante de leitura que, de certa forma, tornou-se um recurso psíquico permanente diante dos mais diferentes problemas da vida: a resposta deveria estar sempre nos livros. Só mesmo na idade madura pude desmistificar essa

ilusão, conhecendo melhor as pessoas, e sentindo que os livros também mentem; o agir real dos sujeitos é a sua verdade.

Não fui aluno destacado no grupo escolar, ginásio ou colégio. Mediano, levei a escola de uma forma relativamente "burocrática", cumprindo tarefas, desempenhando funções e exercícios solicitados. Fiz a escola primária no bairro de Pinheiros (Alfredo Bresser) e o colégio em Cerqueira César (Antonio Alves Cruz), naquela época localizado na rua João Moura. Em 1964, ingressei no Colégio de Aplicação da FFLCH, tido na época como o colégio mais avançado, tanto em termos de técnicas pedagógicas e educacionais, como de politização do alunado. O Aplicação, entretanto, pouco influenciou na minha formação política e intelectual. Minha passagem por lá foi episódica, embora já sentisse na época o burburinho da agitação estudantil que iria explodir mais tarde. Iniciei lá o curso científico, extremamente "puxado", mas saí sem o êxito esperado. Dois anos depois, transferia-me para o Colégio Alarico Silveira, no Bom Retiro, onde terminei o curso científico (minha opção na época era pelas Exatas).

Foi nesse período (1965-1967) que entrei em contato com a política. Inicialmente, a política estudantil local, depois a política como ideologia. Atuando desde os primeiros momentos desse Colégio junto ao grêmio estudantil (como secretário e depois vice-presidente), senti emergir de forma relativamente espontânea, uma incrível paixão pelo jornalismo. Certo é que a capacidade redacional havia sido, desde os tempos de ginásio, um de meus fortes. Surpreendeu-me, uma vez, diante do professor de português, José Gramuglia, com o fato de ter ido tão mal em uma redação em que tentei ser rebuscado e, ter tido um voto de louvor, quando, despreziosamente, escrevi da forma mais espontânea que me ocorreu. Os professores do ginásio deixavam ver, de forma mais ou menos clara, que os textos traziam algo de bom, de especial, quando

escritos naturalmente. São fatos banais e corriqueiros para os mestres, mas atuam de forma decisiva na formação do psiquismo de um aluno.

Na fase pré-universitária, descobri, portanto, que através do texto poderia tornar a expressão de meus pensamentos e posições clara e pública. Assumi a direção do jornal mural, feito na época de maneira tola e inconseqüente, invertendo-lhe totalmente a direção: introduzi textos sérios, porém redigidos agradavelmente por alguns dos nossos grandes comentaristas sociais, criei uma seção de informação sobre a política e as atividades da UNE (que nessa época já era perseguida pela polícia política) e introduzi um novo estilo de jornalismo, que deixou para trás a prática de uso do mural para fofocas, bilhetes pessoais e subjetivos. A dimensão pública do jornal foi recuperada, tomando o espaço da difusão particularista, diria Habermas em relação ao caso...

Meu envolvimento com a política estudantil foi progressivo. No final de 1967, como aluno do Cursinho do Grêmio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, acompanhei as repercussões da virada do Movimento Estudantil, com a gestão Bernardino Figueiredo.

O Cursinho foi esvaziado e criou-se o Equipe Vestibulares, na época igualmente um centro de agitação e de politização. O período, como todos se lembram, era politicamente muito aquecido. Correspondia ao da luta dos excedentes pelo direito de ingresso à USP, que na verdade mais funcionava como "gancho" da luta maior, contra o estado de exceção que o país atravessava.

Ingressei na Escola de Comunicações Culturais em 1968. Para quem já havia vivenciado a luta de 1967 e o campo de batalha que havia se tornado a rua Maria Antonia nessa época, o ingresso ao campus do Butantã seria apenas uma nova fase na atuação política dos estudantes. 1968, como é sabido, foi um ano sem aulas. A morte de Edison Souto no restaurante do Calabouço, no Rio de Janeiro, as passeatas de abril, os congressos regionais da UNE, o "esquema de segu-

rança", a vasta literatura de esquerda que circulava, os boletins do Grêmio, do DCE, da UEE e da UNE, que ousavam chamar Costa e Silva de ditador, compunham uma grande quermesse política. Aos que ingressavam na universidade, não poderia haver prato mais saboroso: enfim, os estudantes poderiam se sentir como os heróis de 32, atropelados pela máquina getulista, mas fatores decisivos da resistência em São Paulo. A eles era atribuída uma missão histórica, a de devolver ao Brasil, junto com operários e camponeses, o estado de direito. Luiz Travassos, José Dirceu, Bernardino Figueiredo, além de dezenas de outros presidentes de entidades ousavam desafiar o poder autoritário do país e anunciar que seu movimento derrubaria a ditadura militar... Doces ilusões que resultaram nas prisões, fugas, nos desvios para a guerrilha urbana, nos exílios e em toda uma geração perseguida.

Dentro desse clima, concorri ao Centro Acadêmico, "pela coligação das esquerdas" contra o candidato da direita, Manuel Joaquim Pereira dos Santos, vencendo-o por pequena margem de votos, numa eleição em que houve comparecimento maciço do eleitorado. Dirigi o Centro Acadêmico durante 14 meses, de 1969 a 1970, período em que a repressão começou a se instalar com toda a força na USP e em todo o país. O AI-5 possibilitou o sítio militar do campus da USP em São Paulo e o esvaziamento do CRUSP.

A violência militar e ideológica do regime instauraram um período de silêncio e de delações. A universidade encheu-se de espiões e de policiais disfarçados em funcionários, bedéis e até pipoqueiros. O clima ficou insuportável para qualquer tipo de atividade. Murros em ponta de faca eram altamente desaconselháveis. Pelo método, bem corrente entre policiais e militares, de reprimir, comprimir e proibir as explosões latentes da sociedade, sentiu-se que a crise era a mesma, os problemas sociais aumentaram e - mantendo-se as causas intocadas - liquidaram-se as manifestações externas. Tudo havia sido sufocado e nada resolvido. O autoritarismo

escancarou os limites da democracia burguesa no Brasil e implantou de fato o que já ocorria de forma latente, uma ditadura. Se o período de Castelo Branco e Costa e Silva foram brandos e ainda relativamente abertos, Garrastazu Medici veio para acabar com os equívocos e tirar as dúvidas. A universidade também dobrou-se a ele.

Os anos de 1971 a 1975 foram arrastados. Consegui, após a formatura em Ciências Sociais e em Jornalismo, realizar o mestrado em Sociologia da Comunicação. O curso de Ciências Sociais, tanto a nível de graduação como de pós-graduação, foi, sem dúvida, o único espaço que se manteve relativamente coerente nesses anos negros. Embora professores tivessem que fugir, e os que ficavam padecessem dia após dia o terror implantado pelo estado militar, que poderia - pela simples denúncia, mesmo falsa, de um aluno-policial - deter, interrogar, ameaçar, humilhar ou até "fazer desaparecer", sentia-se nesse curso uma resistência heróica nos anos negros. Por metáforas, caminhos abstratos, analogias teóricas ou simbólicas, sabia-se que nessas aulas e seminários passava-se uma criptoinformação, só para entendidos, espécie de ponte com os alunos - que sofriam o mesmo terror -, passando por cima do pseudo-aluno que se infiltrava nos cursos à caça de comunistas, tão brutal e traiçoeiro como no Terceiro Reich.

Em 1973, decidi sair do Brasil. Já casado, trabalhando em faculdades particulares, testemunhando aquilo que se chamou na época de "ascensão dos incompetentes" a todos os melhores cargos e posições (enquanto personalidades e intelectuais de inegável valor humilhavam-se e rastejavam por um emprego), senti que era melhor deixar este país, porque amá-lo não era possível... Concorri a uma bolsa de doutoramento na Alemanha Federal e ganhei, partindo logo após minha defesa de mestrado, ocorrida em janeiro de 1976.

Na, Alemanha pude ter, enfim, após tantos anos de compressão e asfixia psíquica, acrescidos a uma exaustiva dedicação às aulas, à tese de mestrado e ao aprimoramento da língua

alemã, um período de expressivo relaxamento. Seis meses passados em Schwäbisch Hall, ao sul do país, próximo a Stuttgart, funcionaram, efetivamente, como merecidas férias. Pude sentir o refrescamento psíquico e o distanciamento do carregado clima do Brasil (seis meses antes de minha partida, Wladimir Herzog havia morrido nos cárceres do regime militar, e corriam insistentes boatos sobre o recrudescimento da repressão a todas as atividades políticas, intelectuais ou artísticas no Brasil).

Esse "intervalo" valeu-me como parada para reflexão. A vida pregressa foi repensada, pude obter um bom distanciamento da "miséria" brasileira e isto tudo alterou profundamente a relação posterior que passei a ter com o Brasil.

Os seis meses de Schwäbisch Hall, uma pequenina cidade medieval com pouca vida cultural, vivendo o mesmo cotidiano de séculos atrás e quase indiferente às questões debatidas nos grandes centros, deslocaram-me das preocupações insistentemente políticas que me incomodavam. Lá, comecei a falar alemão e habilitei-me ao exame de língua, necessário ao ingresso na Universidade de Frankfurt, em outubro de 1976.

Nessa época, após a aprovação no exame, mudei-me para Frankfurt, instalando-me numa residência estudantil na rua Juegel, exatamente em frente ao antigo edifício da Universidade Johan Wolfgang Goethe. Na universidade, reforcei meus primeiros contactos com o professor Dieter Prokop, que me orientou a tese nos cinco anos que vivi na Alemanha.

Freqüentei diversos cursos na universidade e, em 1979, comecei a redação de minha dissertação sobre formas de comunicação alternativa em períodos de crise política (estava, nessa altura, fortemente influenciado pelo contexto político-ideológico do Brasil que havia deixado e buscava, na investigação científica, uma saída para furar o bloqueio ideológico imposto à vida cultural). Minha pesquisa, embora tenha tido como ponto de partida o caso brasileiro, buscou apanhar panoramicamente as iniciativas históricas do que eu convencionei chamar de "contraco-

municação". Este estudo reanimou em mim a investigação do totalitarismo, outro tema de especial interesse, através da análise que iniciei sobre o fascismo alemão.

A tese foi originalmente redigida em alemão e entregue à banca em fevereiro de 1981. Em maio, estava eu diante de cinco especialistas da Universidade de Frankfurt defendendo-a, na língua deles. A Disputation demorou algumas horas que me valeram uma forte dor de cabeça, não sem antes ter sido, com um pouco de formalismo, identificado, após o exame, como Herr Doktor.

De volta ao Brasil, em 1981, reiniciei meu trabalho universitário na Escola de Comunicações e Artes da USP, de onde havia me afastado em 1976, já pensando na continuidade da pesquisa em comunicação. Nos primeiros semestres, gastei bastante tempo e energia traduzindo alguns textos que me pareciam fundamentais na área, e que consubstanciariam as aulas de pós-graduação, iniciadas também nessa época.

Não quis, entretanto, manter-me somente na atividade acadêmica. Sinto, como sei que muitos colegas também o sentem, que a vida só como professor universitário é um pouco frustrante. Lembro-me de como o querido mestre Luiz Pereira lamentava-se de não poder atuar mais na prática, contribuindo diretamente no plano do "trabalho braçal". Mas não era só ele. A vida voltada apenas à universidade parece-me pobre, vazia e, acima de tudo, desconectada (ou "alienada", se quiserem) do movimento, da ebulição dos acontecimentos "lá fora", na sociedade maior. Não me parece que seja outra a razão porque alguns eminentes professores universitários, descontentes com o ensino, a pesquisa e a publicação especializada, voltem-se à política, ao trabalho social e à atividade junto aos meios de comunicação.

Por isso, busquei, nesses primeiros anos de retorno, a vinculação maior como prática (no meu caso, jornalística e editorial). Passei a produzir matérias para a imprensa, a colaborar de modo regular com revistas e jornais, e a editar (ultimamente) diversos periódicos voltados

ao público universitário, jornalístico ou mesmo ao indistinto público geral das grandes publicações.

Não apenas a redação, mas a edição de jornais e revistas acompanhou meu percurso de vida, muito embora as condições de infra-estrutura não o possibilitassem na maioria das vezes. Quando estudante de colégio, editava o jornal mural da escola Ah! Lar... Rico e o fiz durante dois anos, em edições mensais. No Curso de Ciências Sociais, em 1970, editava a revista Argonave, que chegou a tirar quatro números. Uma vez empossado no Centro Acadêmico da ECA-USP, cujo nome Lupe Cotrim foi dado em minha gestão, atendendo e apoiando a iniciativa de Waldir Ferreira, José Eduardo Pereira Lima e Roberto Francisco, passei a editar o jornal Ensaio, que tirou diversos números. Mais recentemente, apoiei e participei da criação da Editora Argonave, voltada à publicação de textos de ciências humanas em geral.

A trajetória da vida, pelo menos no que se refere à dimensão da relação com a sociedade, foi marcada pela comunicação com o meio, a cultura e a política através do texto escrito. Não acredito que tivesse tido sucesso como político, administrador de entidades ou organizador de movimento ou campanhas, embora tenha exercido funções próximas a isso. O sucesso, parece-me, decorre de uma atividade realizada em concordância com inclinações que não são previamente conhecidas, mas que buscam oportunidades para se expressar. Estando atento a elas, e procurando nelas investir a quantidade ideal de energia, acredito que se obtenha êxito. Há pessoas que podem escrever, assim como há outras que podem pintar, fazer música ou representar.

Se consegui ou não comunicar satisfatoriamente o que pretendi, influenciando na transformação de pessoas, atuando no sentido de seu autoconhecimento e afirmação, retomo a opinião do início deste memorial: só a sociedade poderá dizê-lo.

3. Revoluções teóricas

Meus primeiros contatos com o pensamento político - e, por extensão, minha formação intelectual - ocorreram na segunda metade dos anos 60, sob a influência da politização secundarista no colégio. Introduzi-me, inicialmente, no marxismo, em boa parte motivado pelo caráter proibido de tal literatura. O ato puritano de proibir revistas obscenas excita a imaginação mais do que as próprias obras. Em política, parece que não é diferente: com a liberação atual de todos os tipos de leitura, essas obras perderam o caráter mágico que possuíam diante dos possíveis interessados. O Manifesto, que me caiu às mãos em 1966, tinha o efeito de brasa: era preciso rapidamente escondê-lo e a descoberta em casa de que "tal objeto" causou protesto e repressão do meu pai, que jamais leu uma linha de Marx ("Não quero ver você lendo essas coisas!").

Minha postura teórica de lá até hoje sofreu diversas "revoluções", e creio que isto é o que houve de mais sadio. (Um dos maiores vícios da esquerda, na minha opinião, é o caráter sagrado com que toma os textos clássicos, transformando-os em dogmas inatacáveis, e, não raro, servindo-se deles para justificar as mais duras repressões, como em alguns países socialistas.) Este também sempre foi um dos motivos que deixou desorientados meus adversários políticos e intelectuais. É muito fácil combater, prejudicar e marginalizar aqueles cujo rótulo está claro, e que irão passar o resto da vida defendendo a mesma bandeira. Difícil, ao contrário - e isto me serviu como norma -, é poder destruir aqueles que sempre se renovam, exigindo de seus críticos uma constante reciclagem, impossível à maioria dos teóricos que atuam nesta área no Brasil.

A primeira revolução teórica, portanto, ocorreu com a adesão ao marxismo como método para desmascarar a "farsa burguesa" da sociedade de classes. Tenho que reconhecer: o marxismo representou para mim uma completa reformulação do

meu modo de ver a sociedade, a cultura e as idéias. De repente, como por um passe de mágica, tudo se transformou: não os objetos, homens e fatos, evidentemente, mas sua lógica interna. Descobri, de forma um pouco espontânea, a falsa semântica que "amarrava" o discurso social: havia passado toda uma vida acreditando nesse conto do vigário, como diziam Luckmann e Berger. A sociedade (inclusive minha família, os padres, os governantes) representavam uma farsa e pretendiam que as coisas continuassem assim. O efeito do discurso marxista no Manifesto foi fulminante. Num primeiro momento, gerando indignação pela manutenção dessa estória de carochinha orquestrada por todos, e, nos momentos posteriores, desencadeando uma intensa energia para redefinir tudo, negar totalmente as coisas aprendidas e situá-las numa nova lógica de interpretação.

Nos primeiros anos de faculdade, no curso de Ciências Sociais, sofri uma segunda revolução teórica. A faculdade em si não foi a responsável por essas mudanças; sempre achei, ao contrário, que o ambiente e a própria formação universitária são mais de natureza sedimentar, adicionando elementos aos já existentes. A mudança ocorreu por causa de minha própria ansiedade teórica. Aprofundei-me mais no materialismo histórico e pude conceber uma nova revolução: a do pensamento dialético.

A leitura de Lucien Goldmann, no seu Dialética e cultura, foi fundamental para isso. O autor conseguia, a partir da análise dos Pensamentos, de Pascal, e das tragédias de Racine, explicar o mundo e a cultura como uma totalidade orgânica, no qual tudo poderia ser explicado através do conhecimento das leis do conjunto maior. Era a melhor arma teórica contra o discurso funcionalista, que circulava em toda parte, desde as salas universitárias, passando pelas declarações de políticos e administradores, chegando até as falas de nossos pais e amigos. O pensamento dialético construía, enfim, um arcabouço teórico sólido para derrubar as manifesta-

ções do pensamento positivista, que se encontravam em todos esses discursos.

Foi através de Lucien Goldmann que busquei fazer uma revisão à marginalização feita à obra de Georg Lukács. Parecia-me seriamente "reacionário" o ostracismo a que foi relegada a obra, que, segundo meu juízo, continha elementos indispensáveis à compreensão da política, da cultura e, acima de tudo, da consciência dos homens. Lukács chegou a mim através do História e consciência de classe. Aqui, há as primeiras indicações de outra revolução teórica que estava por vir, a terceira, a da negação do discurso racional das esquerdas. Lukács já havia ousado criticar os comunistas alemães dos anos 20 pelo fracasso da Revolução de Novembro, mas fora duramente condenado pelo Partido e obrigado a retratar-se. Sua trajetória política depois disso não me era conhecida. Acreditava que sua Estética era melhor em muitos aspectos que a de Hegel, devendo se instalar como verdade que "superava" a do antigo mestre idealista. Particularmente, a Introdução a uma estética marxista impressionou-me a ponto de tê-la usado quase como espinha dorsal de minha tese de mestrado: Elementos para uma estética sociológica: um estudo de Lima Barreto. Utilizei neste trabalho também sua Estética, assim como a de Hegel, e tentei reconstruir um modelo de análise que se impusesse ao tradicional, valorizando o aspecto social da obra, em oposição às suas características especificamente literárias (e artísticas). Só mais tarde descartei a metodologia lukácsiana, não somente pelo seu caráter idealista (neo-hegeliano), mas historicista (daí, finalista) e marcadamente stalinista, no sentido dos caminhos da arte socialista.

Dessa época também é minha recusa do modelo althusseriano de explicação do social, baseado principalmente (na época) em argumentos historicistas. A crítica "viciada" que fiz ao seu método é de 1976 ("Da proposta althusseriana"); mais amadurecida, especialmente em relação aos seus "aparelhos ideológicos de Estado", surgiu em 1981 ("O enterro de Althusser"). Não

obstante, a força do pensamento de Althusser incomodava-me e, não só isso, intrometia-se na minha reflexão intelectual, exigindo reconhecimento: se eu havia rompido com o historicismo (um pouco mais tarde), deveria ceder ao estruturalismo e aceitar como bem-vindos Althusser, Balibar, Poulantzas e toda sua troupe.

Minha prática profissional, entretanto, era marcada pelo empirismo. Em 1972, quando chefiava o Centro de Pesquisas Aplicadas em Comunicação (CEPAC), de Santos, dirigi, atendendo as exigências de meu antigo professor, Walter Sampaio, diversas pesquisas empíricas, ao estilo mesmo das clássicas pesquisas de opinião de Elihu Katz e de Paul Lazarsfeld, numa flagrante contradição com minha "prática teórica". Os trabalhos foram realizados no espírito mais fiel a essas sondagens e os resultados apresentaram puramente dados empíricos, pouca explicação de causas e fenômenos estruturais e foram bem aceitos (e aproveitados) pelos meios de comunicação e pelo público que os recebia (o material era publicado na íntegra pelo jornal A Tribuna, de Santos).

Consequia, nessa época, desvincular os métodos empiristas da preocupação teórica anterior, considerando as reflexões como "meu modo de pensar, minha área de autonomia, de 'resistência' contra as exigências profissionais", e as pesquisas aplicadas como mera fonte de renda, de "prostituição intelectual", que todos conhecemos.

Essa atuação durou cerca de três anos, os primeiros deles bem mais ativos, e acabou antes da conclusão de meu mestrado na Faculdade de Filosofia da USP.

Minha ida à Europa estava orientada, em termos de trajetória intelectual, à investigação da ideologia de censura. Instigava-me saber como ocorre, que meios usa, porque atua dessa maneira e não de outra. Em solo europeu, con-

tudo, o centro de preocupação mudou novamente. (Minhas reflexões teóricas sobre a censura só puderam ser divulgadas, de forma muito introdutória, no texto "Censura: elementos para uma teoria", de 1982.)

Das conversas com Dieter Prokop, iniciadas em 1976, reestruturei meu projeto de tese de doutoramento. Partii para a investigação das formas de resistência política aos regimes repressivos, baseadas no uso dos meios de comunicação. Era o conceito de comunicação alternativa no sentido mais amplo, que deveria apanhar desde o movimento cartista inglês, dos séculos XVIII e XIX, até as formas mais recentes de afirmação das posições e dos grupos políticos minoritários e marginalizados. Passei pelo Proletkult soviético, pelo fascismo alemão, pela ditadura militar chilena e cheguei às novas tecnologias, incluindo, no contexto dessas últimas, o uso das rádios livres, que, na época, eram a grande sensação das esquerdas.

Em 1978, partindo dos estudos de teóricos alemães, especialmente Oskar Negt, Alexander Kluge, Wilhelm Reich e o filósofo Ernst Bloch, deu-se a terceira revolução teórica em minhas idéias: a partir de alguns elementos lukácsianos (do jovem Lukács), associados a textos de Reich e de Bloch, preocupados basicamente em investigar como, a partir da crise alemã do pós-guerra e da República de Weimar, o nacional-socialismo chegou ao poder, ocorreu uma nova reformulação de meu processo teórico. Os elementos psíquicos, a subjetividade, a rigidez socialista, o domínio da fantasia, a paixão das massas deveriam ser incluídos na reflexão intelectual que se pretendesse progressista. Era chegada a hora - influenciado pelo Maio de 68 francês, pelo "imaginário no poder" - de fazer uma séria crítica ao marxismo e ao seu fracasso antes e depois da guerra, especialmente à atuação dos partidos comunistas.

Nesse sentido, a crítica de Sartre no início dos anos 50 e a posição de Henri Lefèbvre

foram revolucionárias. Lefèbvre, com uma nitidez extrema, localizou no pós-guerra a crise pela qual o marxismo se enredou, inoperante diante do caráter totalitário (até mesmo no plano teórico) do stalinismo. Não bastasse isso, as medidas punitivas da União Soviética contra os países do Leste desanimavam qualquer espírito mais aberto. A primeira dissidência, entretanto, ainda não havia sido suficiente para uma severa autocrítica do marxismo, tendo sido seus críticos estigmatizados como "burgueses" e "pró-capitalistas".

Esta nova revolução teórica em meu rumo, marcante no livro O discurso sufocado, significava que a luta por uma sociedade melhor deveria envolver, necessariamente, a renovação, uma espécie de "revolução teórica permanente", que combatesse todos os tipos de formalismos, dogmatismos, e enrijecimentos, que, como um câncer, atacam, mesmo no Brasil, grandes parcelas (possivelmente a grande maioria) da esquerda.

Meu retorno ao Brasil encontrou um país vivendo o clima de festa de abertura política, sem, no entanto, ter feito a reflexão sobre as profundas causas que levam ao fascismo, à dominação e à submissão, ao arbítrio. Pior ainda, as esquerdas, entusiasmadas pela diferente configuração do poder, passaram a aceitar a nova fase política sem ter trabalhado os velhos vícios anteriores. A postura conservadora, nitidamente tradicionalista dentro do pensamento de esquerda no Brasil, ainda era, em 1981, um fato preocupante. Parecia-me que a maioria dos "militantes" fantasiava-se de anticapitalista, porque após a abertura isso passou a ser in. (A oposição, absorvida pela nova onda política, demonstrava, agora claramente, aquilo que tentei apresentar em muitos artigos sobre ideologia: na prática, elas se traíam e manifestavam o forte componente conservador de suas ações, reproduzindo a mesma práxis dos dominantes.) E não só isso: antigos militantes, perseguidos do regime, passaram a exigir "reconhecimento" simplesmente pelo seu status de mártir, que nessa época fun-

cionava como senha para abrir todas as portas e obter bons empregos (tratei disso em meu ensaio: "Cinco teses equivocadas sobre poder, propaganda política e cultura popular", publicada em 1985).

Esbocava-se aí a quarta revolução teórica, da qual já começo hoje a me desvencilhar. Esta revolução é caracterizada por uma crítica ao marxismo e principalmente às práticas políticas dos marxistas em todas as esferas da vida intelectual e política. Baseia-se em vários autores contemporâneos que têm criticado as concepções fossilizadas da política e do pensamento e que exigem uma nova "leitura" de realidade social. Refiro-me a Lacan, Deleuze e Castoriadis.

Este caminho teórico tem como aspectos básicos o aprofundamento da pesquisa sobre as raízes do comportamento político. Busca transcender as racionalizações dos teóricos políticos e, indo mais além, localizar o locus de sua ideologia. (Desta nova fase, também faz parte um novo conceito de ideologia por mim introduzido, segundo o qual o conservadorismo ou o progressivo das pessoas não está na bandeira que dizem ostentar, nas aparências, na manifestação expressa dos sujeitos, mas no seu agir real e concreto.)

A ideologia, então, passa a ocupar um espaço instalado além do político, mais especialmente o psiquismo dos sujeitos em ação. Isso remete o discurso necessariamente à investigação das estruturas psíquicas dos sujeitos. É nesse ponto que se dá meu retorno a Sigmund Freud, revendo no original a parte de sua obra que trata do sujeito em relação aos atos sociais (veja-se bem: não retorno aqui à Psicologia de massas e análise do ego, ao Futuro de uma ilusão, ao Mal-estar da cultura ou a textos macrossociais semelhantes; procuro nos textos de investigação individualizada, que me parecem ser os mais ricos de análise freudiana, a explicação para os comportamentos políticos, o uso de seus símbolos e as derivações ideológicas).

O estímulo foi dado pela leitura da obra de Jacques Lacan e sua tentativa de explicação do inconsciente no homem através de uma dimensão nitidamente social (por meio da catego-

ria do Outro). Lacan busca fundir a análise (estrutural) lingüística, reformulando Saussure, ao método freudiano, encontrando estruturas de interpretação do imaginário e do simbólico com o apoio do social, imposto ao sujeito pela cultura.

O pensamento lacaniano abre perspectiva para uma psicanálise social mais ampla, nas obras, principalmente, de Gilles Deleuze e Felix Guattari. A mim, parece que a obra do primeiro (na minha opinião, mais dura e sólida) peca exatamente no âmbito sociológico que pretende atingir (em O Anti-Édipo), deixando o leitor frustrado quanto à possibilidade de leitura psicanalítica do discurso social. Mesmo assim, o método lacaniano de análise dos significantes no cinema, na imagem e na cultura em geral encontra muitos seguidores.

De outro lado, vindo de uma tradição política, mais do que sociológica ou antropológica, aparece Cornélius Castoriadis, que parte para uma leitura do marxismo propondo a supressão dos clássicos e a instauração de um novo discurso baseado no conceito de autonomia. Também ele pretende uma utilização do discurso de Lacan, absorvendo dele o que há de mais rico no discurso social.

Essa influência na reformulação do conceito de ideologia (com o qual operei de 1981 a 1985), servindo de base, inclusive para a edição de meu livreto O que todo cidadão deve saber sobre ideologia, conduziu minhas pesquisas na área de comunicação de massa.

Acredito encontrar-me hoje, uma vez relativizada a importância lacaniana, em uma nova fase de estruturação do pensamento teórico.

A descrição de várias "revoluções teóricas" pode supor, à primeira vista, que se trata de uma inconstância metodológica permanente ou, pior, de um "oportunismo intelectual", ainda mais condenável. Em relação a isso, gostaria de reafirmar que não se trata de supressão completa de modelos de explicação e adoção automática de outros que estejam em moda. De fato, essa práti-

ca seria exatamente a dos inconseqüentes no âmbito da reflexão intelectual. No meu caso, ao contrário, considero que há pressupostos que se solidificaram e mantêm-se na base do pensamento. Não abandonei o método marxista, embora tenha-me convencido de que grande parte de suas propostas políticas de ação estejam totalmente superadas. Aliás, não poderia ser diferente, creio eu, em se tratando de um método tão dinâmico e que prevê a sua própria superação. Conservei dele - como mantenho de outros métodos, que o prolongaram ou aperfeiçoaram - aqueles elementos sociais e históricos que sobrevivem numa sociedade capitalista avançada como a nossa. Tentando eliminar a "ganga impura" dos desvios ideológicos de pensadores e políticos marxistas, mantive o que considero a essência de seus pressupostos, agregando-lhes dimensões que não haviam sido previstas ou suficientemente trabalhadas no tempo de Marx: a da consciência, e, com ela, a da ideologia e a do psiquismo, ultrapassando as determinações nitidamente racionais e buscando, também no plano do inconsciente, a explicação para fatos sobre os quais o marxismo se cala.

A perspectiva histórica marxista (não a historicista) foi o que me conduziu também à superação dessa última revolução teórica, e me introduziu no campo de uma hermenêutica marxista, apoiada em uma psicanálise profunda. Trabalho atualmente com isso. Estou trazendo ao Brasil a obra de Alfred Lorenzer, apresentada no ensaio "Quem tem medo de Alfred Lorenzer? Introdução a uma nova abordagem psicanalítica nas ciências humanas". (Fui o introdutor no Brasil, anteriormente, de autores como Michael Buselmeier, Ulrich Reyher, Friedrich Geyrhofer, Wolfgang Fritz Haug e Dieter Prokop.)

Tendo rompido com vários tipos de correntes teóricas e práticas na área de Comunicação, Cultura e Ideologia (a saber, com o marxismo estruturalista de Althusser nos ensaios mencionados, com o conceito de imperialismo cultural no ensaio "Imperialismo cultural: o grande vilão na destruição da nossa cultura", com toda a escola brasileira de jornalismo teórico em

O capital da notícia e em (org.) Imprensa e capitalismo, com a interpretação funcionalista ou marxista vulgar Teoria de Comunicação em (org.) A linguagem da sedução e em (org.) Dieter Prokop. Sociologia, com o mito da imprensa liberal politicamente progressista em "A Folha e as diretas-já", com o conceito mítico de cultura popular em "Cinco teses equivocadas sobre poder, propaganda política e cultura popular" e com o mito das massas passivas e as teorias conspiratórias em Quem manipula quem? Poder e massas no Brasil e em Violência política; sinto-me hoje, no terreno da reflexão teórica nessa área, como um pensador em busca de um modelo teórico abrangente, novo, que dê conta da insuficiência dos métodos existentes (Marx, Lorenzer, Prokop, Lacan), e que seja, ao mesmo tempo, aplicado ao campo das práticas políticas imediatas e urgentes, no Brasil e no mundo capitalista em geral.

4. Intelectuais mecânicos e o valor de uso da ciência

- Entre idealismo pragmático e ceticismo especulativo

A formação científica inicia-se em 1968. Neste ano, dá-se o ingresso na Escola de Comunicações e Artes da USP; no ano seguinte, início o Curso de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

A escolha de duas formações superiores deveu-se à necessidade de complementariedade. Sempre me foi perfeitamente clara a inexistência de mercado de trabalho para sociólogos. A não ser na docência universitária (que além de restrita profissionalmente, não me traria satisfação como atividade única), não via perspectivas de outro trabalho. Cheguei a prestar exame de ingresso no Departamento de Ciências Sociais para lecionar Sociologia, em 1975. Eram duas vagas e eu obtive o terceiro lugar. Havia 33 candidatos e a banca era composta por Gabriel Cohn, Luiz Pereira e Teófilo de Queirós Jr. Se não fosse na FFLCH-USP, não me parecia atraente dar aulas de Sociologia.

O curso que lá realizei teve a função de complementar o vazio teórico e conteudístico do curso de Jornalismo da ECA-USP, que, se não possuía substância, pelo menos oferecia um bom mercado de trabalho.

Fazendo uma faculdade de manhã e outra à tarde, sobrava-me a noite para ganhar meu sustento. De 1968 a 1972, atuei como professor de curso de madureza no bairro de Vila Maria. Esta atividade pouco ou quase nada acrescentava às minhas preocupações teóricas. Lecionei na época história geral, história do Brasil, geografia geral, geografia do Brasil e estudos de problemas brasileiros. Lá, além de lecionar, redigia apostilas e material didático complementar. Em 1971, cheguei a ser sócio de um curso de madureza situado na Vila Sabrina, zona norte da cidade, que, apesar de um espetacular sucesso ini-

cial, foi, logo depois, fechado. O motivo foi "crise administrativa". Esta atividade era desenvolvida como prática profissional, no sentido mais específico.

Tendo vivido como "professor itinerante" de 1969 a 1972, saltando de curso em curso, dando aulas para massas de alunos, em classes de até 180 pessoas (Curso São Paulo), atuei nesses anos de crise política e retração de ofertas de trabalho mais fora do que dentro da universidade.

Na USP, como se sabe, o período de 1969 a 1971 foi marcado pelo terror acadêmico. Como presidente do Centro Acadêmico Lupe Cotrim, sentia na pele os riscos de qualquer iniciativa mais ousada. Não foi feito nada em minha gestão: a administração do órgão acadêmico foi marcada pelo total imobilismo. Tudo era impossibilitado, e parece que se deixava a "organização" estudantil desmoronar-se por si mesma. Coloco em termos genéricos, porque isso não ocorria somente no caso do CA da ECA-USP. Todos recuavam ante o terror policial que havia no ar e que causava pânico aos ativistas. A contra-informação era o que mais funcionava na época. O boletim Resistência, que circulava entre os "politizados", era a pálida imagem do que sobrou de tudo. Outros centros acadêmicos foram "visitados" pelo DOPS e alguns colegas que haviam sido presos diziam-nos que seríamos os próximos. Em minha gestão, porém, isso não ocorreu.

Minha participação intelectual, ainda enquanto aluno, se deu em níveis diferentes na ECA e na FFLCH. Desde 1970, participava na ECA das Semanas de Jornalismo, sendo que no último ano cheguei a ser expositor. Meus cursos, nesse período, orientavam-se mais para a formação profissional e aquisição da "linguagem jornalística", que na maioria dos casos reduzia-se à simplificação extrema dos dados ou materiais teóricos mais substantivos. Na FFLCH senti, especialmente a partir de reestruturação do curso em 1971, uma cobrança muito maior do empenho acadê-

mico. Nesse curso, pude ver, comparativamente à ECA, o desequilíbrio da formação teórica. Havia, de fato, na FFLCH, a preocupação com o aprofundamento, a reflexão e a pesquisa, no sentido de dotar a universidade de um status equivalente à européia. Nesse curso senti o que significava exatamente uma "formação universitária" em ciências humanas. O pensamento francês, evidentemente, era dominante, mas não anulava completamente as propostas de trabalho com os alemães (particularmente da Teoria Crítica) e alguns ingleses e norte-americanos. O Departamento de Antropologia iniciou-me em Lévi-Strauss, demonstrando que a escola estruturalista não era apenas uma confirmação do (estrutural-)funcionalismo em Malinowski e Radcliffe Brown. A Sociologia estava na época bastante envolvida com a Teoria da Dependência e esse traço foi predominante em diversos cursos.

No final de 1972, quando da formatura nas duas faculdades, iniciei um período de docência universitária, abandonando, ao mesmo tempo, o ensino médio. Fui convidado por Walter Sampaio, nessa época chefe do Departamento de Jornalismo da ECA e professor da Faculdade de Comunicação de Santos, a atuar, com ele, no Centro de Pesquisas Aplicadas em Comunicação, que estava sendo criado. Sua idéia era a de organizar um grande núcleo de pesquisas aplicadas, ao estilo das universidades norte-americanas, que realizasse no Brasil estudos empíricos e práticos, interessados na atuação social imediata. As coordenadas seriam dadas por ele; a mim, caberia executá-las e dar-lhes um mínimo de fundamento teórico. As pesquisas seriam desenvolvidas pelos alunos da Faculdade de Comunicação de Santos.

O projeto Walter Sampaio de uso da pesquisa inseria-se em um plano maior de ação social: sua meta, a teleducação, deveria ser realizada por meio de vários instrumentos técnicos e científicos apropriados. Ele pensava, através do uso do rádio (para isso, criou, paralelamente ao Centro de Pesquisa, o Cestel - Centro Santista de Teleducação), na "educação das massas", isto é, na administração de regras bá-

sicas de higiene, saúde, educação e trabalho comunitário por meio dos veículos de comunicação. Dentro desse espírito, funcionei como fornecedor de dados preliminares e, posteriormente, avaliador dos projetos realizados.

Em 1972, realizei, de agosto a dezembro, duas pesquisas que poderiam ser classificadas como "de fôlego", e duas outras menores: a "Pesquisa sobre a penetração dos veículos de comunicação em Santos" e a "Pesquisa sobre 'líderes de opinião' e carências comunitárias". As pequenas foram levantamentos intensivos sobre a audiência de rádio em automóveis.

O Cestel produziu um programa de rádio denominado Novos Ares, que funcionava como "novela educativa". (Walter Sampaio, além de jornalista, era um homem de rádio, tendo desde 1950 trabalhado nesse meio profissional.) Após a transmissão, procedi à avaliação estatística da recepção e da compreensão dos conceitos emitidos pelo programa, para captar o grau de sucesso na transmissão de mensagens educativas.

Por motivos profissionais, políticos e administrativos, o Projeto Walter Sampaio esvaziou-se a partir de 1973. O profissional tentou implantá-lo em São José dos Campos, em 1975, e frustrou-se igualmente.

Desconectado de sua função no projeto maior, o Centro de Pesquisas passou a ser dirigido diretamente por mim a partir de 1974, mas logo esvaziou-se também, em vista de meus preparativos para deixar o país.

A experiência de Santos, porém, foi multiplicada em outro plano, quando estive em Recife, a convite da Universidade Federal de Pernambuco, para orientar um projeto de pesquisa semelhante de "educação social pelo rádio", no qual o professor Sampaio também trabalhava.

Como executor da pesquisa de acompanhamento, e aí atuando de forma mais profissional do que teórica, minha área de influência nos rumos do projeto só poderiam ser mesmo limitadas. Para mim, apesar do empenho em chegar a resultados satisfatórios em termos de investigação empírica, havia argumentos de sobra para duvidar

de tal projeto. Sabia que a atuação "de cima", orientada pelos meios de comunicação, por mais bem cuidada e criteriosa que fosse, de nada adiantaria sem um trabalho de base mais sólido. Isso eu tentei cercar parcialmente na segunda grande pesquisa ("Líderes de opinião e carências comunitárias"). Os resultados, porém, como já se previa, foram insignificantes.

Nenhuma pesquisa substitui um desvio teórico anterior. Não precisaria ir a campo para ver comprovado aquilo que em sua origem era falso. Tampouco adiantaria pôr em discussão essa questão, já que o empirismo também corresponde a uma ideologia, a de procurar mudar as coisas sem mudá-las nada em essência, e, nesse campo, concorrem - sem que ninguém jamais tenha vencido - o ceticismo especulativo contra o idealismo pragmático.

Antes de ir-me embora para a Alemanha, atuei ainda em outros projetos de pesquisa, já que desfrutava, na época, uma modesta fama de "especialista em pesquisa de campo". Isto se devia mais ao meu rigor metodológico, a uma característica de toda minha produção teórica e prática, o "ir a fundo" nos trabalhos feitos. Esse aspecto valeu-me não raro o título de "germânico", tanto em termos de rigor excessivo em relação aos prazos, quanto no que se refere à forma gründlich (de chegar bem ao fundo) de trabalhar os problemas com que me ocupo. A austeridade de alguns relatórios de pesquisa e a preocupação minuciosa com o acompanhamento estatístico davam a esses trabalhos uma legitimidade formal que impunha respeito. É evidente que já na época eu era consciente do caráter manipulador do emaranhado de dados estatísticos, e das fórmulas indecifráveis e impenetráveis que podem ter estes estudos. Isso, contudo, impressionava a maioria dos leitores, normalmente preocupados mesmo só com a forma. De qualquer maneira, não houve nesses relatórios nenhum abuso estatístico com objetivos manipulatórios, visto que os resultados me eram relativamente indiferentes.

Essa fama fez com que eu, na época (1973), realizasse, ao mesmo tempo, outros grandes projetos de pesquisa. Um deles foi a pedido da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, através da Divisão de Atividades Pedagógicas (hoje, CENP).

A antiga diretora encomendou-me uma grande pesquisa na rede de escolas de segundo grau do Estado para captar as dificuldades de assimilação da Lei 5692 de Diretrizes e Bases, aprovada pouco antes. Realizei o trabalho em seis meses, chefiando uma equipe de vários pesquisadores (sociólogos) e apresentei os resultados conforme o solicitado.

Outra pesquisa que conduzi foi a de Capão Bonito e Paranapanema. O projeto inicial era de Jair Borim, professor do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, orientado pelo Dr. Hiroshi Saito, sociólogo rural, também dessa escola. O objetivo era o de levantar as expectativas profissionais da mão-de-obra dessas duas cidades no sul do Estado para que a Holambra, patrocinadora de pesquisa, pudesse oferecer cursos profissionalizantes. Da metade para o fim, cuidei da pesquisa pessoalmente, procedendo a tabulação e análise dos dados obtidos em campo, redigindo o relatório final e publicando-o no tempo solicitado.

Até, portanto, 1975, estive envolvido com a pesquisa aplicada, fosse ela relativa à comunicação ou à atividade sociológica, além de, como chefe do CEPAC, dirigir diversas pesquisas de mercado ou institucionais, que era solicitadas pela Baixada Santista.

Tivesse permanecido no ramo e no país, e, acima de tudo, tivesse "gosto pela coisa", estou certo que estaria hoje - pelo menos profissionalmente - muito bem colocado e com altos salários. As boas rendas, entretanto, correm em sentido inverso às atividades intelectuais com que subjetivamente a gente mais se identifica.

O mestrado foi desenvolvido de 1973 a 1975. Influenciado por Lucien Goldmann, Lukács,

pela Sociologia da Literatura, achei que era preciso "redescobrir" a obra de Lima Barreto. Havia me impressionado muito a obra Triste fim de Policarpo Quaresma pela sua atualidade, embora se referisse a fatos do fim do século passado. Alguma coisa mantinha-a excepcionalmente viva: a linguagem limpa, a acuidade crítica, o descrédito das instituições, a ingenuidade dos ufanistas, estavam lá para demonstrar que tudo, a ambientação, os diálogos, as cenas eram incrivelmente modernos. Parecia-me que a cultura literária brasileira dava demasiada importância à forma, valorizando excepcionalmente um Machado de Assis e desprezando Lima Barreto, que pela força de seu conteúdo e por sua trajetória trágica de vida, parecia-me muito superior. Lima Barreto incorporava aquele outsider que resolveu romper com a ordem e a moral dominantes e isso me trazia um forte sentimento de identificação. Imaginei que, no mestrado, deveria realizar uma obra política, mas no plano menos imediato e formal, ou seja, da política na arte, que sempre me pareceu a mais efetiva. E lá estava Lima Barreto para servir de veículo a essas idéias.

A obra era composta de seis partes, a saber: Da estética sociológica, Da produção literária, Caracterização do período, Particularidade e situações típicas e, finalmente, Historicidade e Análise Imanente. A idéia que norteou o trabalho foi a de trabalhar nos dois primeiros capítulos com a revisão dos critérios de valorização estética. Parti do estudo dos clássicos em Teoria Estética (Hegel e Lukács), checando suas concepções com as de pesquisadores de arte em sociedade, na história e na cultura (Arnold Hauser, Theodor Adorno, Arthur Schopenhauer, Galvano Della Volpe, Benedetto Croce, Henri Focillon, Pierre Francastel, Ernst Fischer, Walter Benjamin, Berthold Brecht), buscando chegar a uma reconstrução da Estética Sociológica, como modelo de análise de arte. Para este plano, trabalhei com Charles Lalo, Jean Duvignaud, Hippolyte Taine, Lucien Goldmann. Discuti neste primeiro capítulo, o mais denso da tese de mestrado, questões como: a essência de arte, a questão da for-

ma e do conteúdo, arte e ideologia, a interpretação dos efeitos da arte, sua historicidade, as categorias da particularidade e do típico, encerrando com o debate sobre a Estética Sociológica. Minha contribuição mais importante com esta dissertação foi a definição dos três diferentes efeitos possíveis da arte: o não-atingimento do receptor, o efeito de tranquilização e o de transformação. Essas categorias foram reaproveitadas mais recentemente na minha publicação (simplificada) sobre ideologia nos Cadernos de Educação Política, e são constatações que sobreviveram ao obsoletismo em que caíram algumas outras discussões do trabalho. A segunda parte, igualmente teórica, tentou aproximar-se mais do objetivo, entrando no terreno da Literatura.

Aí busquei investigar os "critérios da verdade" em Análise Literária, a categoria do realismo, o julgamento sociológico, terminando com a proposta de um método para o exame das obras literárias. Apoei-me, nesta parte, em Pierre Macherey, Luiz Costa Lima, Antonio Candido e Ana Seghers. Pareceu-me suficiente a fundamentação para introduzir a avaliação da obra de Lima Barreto. Construí, no terceiro capítulo, a reconstituição do período (1860-1930) para que o leitor pudesse se inserir no clima da época e melhor compreender o texto de Lima Barreto. Tratou-se de um quadro histórico, político-econômico e ideológico, identificando "situações típicas" no sentido lukácsiano, que seriam posteriormente procuradas na obra do nosso autor. A pesquisa continuou, em seu quarto capítulo, apresentando a síntese das principais obras (livros e contos) e a caracterização da "particularidade", conceito igualmente lukácsiano, absorvido pelo método que propuz.

A particularidade foi caracterizada no âmbito sócio-econômico, político e ideológico. O encerramento desta parte buscou a localização na obra do escritor das "situações típicas". A obra foi expressiva na apresentação realista da sociedade da época (e isto interessava ao método proposto, à medida que este se preocupava com o valor de registro, que deveria ir além das mäs-

caras ideológicas das situações sociais de opressão, falsidade, corrupção etc.); ela conseguiu, em quase todos os planos da vida política, econômica e ideológica, retratar fielmente o clima e as angústias dos sujeitos. Isso, na minha opinião da época, já valorizava esta obra mais do que a de Machado de Assis, mais preso aos problemas subjetivos e existenciais, que optava claramente pelo não-envolvimento com as questões políticas e sociais. A parte final realizou a "análise imanente" das principais obras e terminou concluindo que, embora não analisada comparativamente à obra de Machado de Assis, por meio deste método, apesar de suas deficiências estilísticas ou mesmo de reprodução histórica da época, Lima Barreto situar-se-ia acima de Machado em termos de qualidade estético-sociológica do texto.

Minha meta nessa tese de mestrado era, sem sombra de dúvida, excepcionalmente pretensiosa e me trouxe mais frustração do que prazer. Não consegui essa fundamentação - o mais que obtive foi o agrupamento de citações não muito bem articuladas - , não consegui convencer a banca do valor do meu trabalho e da redescoberta do autor e hoje, mais de dez anos depois, acho, também, que ela está teoricamente muito comprometida ao modelo lukácsiano (e, portanto, rígido em relação à arte, tendo a arrogância de querer dirigi-la).

Por isso jamais quis publicá-la, e não o faria sem uma profunda revisão de suas bases. Como isso é praticamente impossível, acredito que nunca deixará de ser uma tese acadêmica, de valor apenas documental.

Restos de Frankfurt

Aos 31 de março de 1976, parti para a Alemanha Federal, encerrando um ciclo intelectual em minha vida e dando início a algumas revoluções estruturais ao meu trabalho intelectual e acadêmico.

Decidi deixar o Brasil, em primeiro lugar, pelo clima reinante na época, o despres-

tígio do trabalho intelectual sério e, acima de tudo, a falta de ambiente para avançar mais nos estudos da área. Há, ainda o fato de que eu sentia no Brasil a limitação do trabalho teórico, à medida que, como Terceiro Mundo, encontramos fora do eixo de circulação de idéias e de investigações, que é o hemisfério norte.

O intelectual latino-americano está, parece-me, estruturalmente condenado a integrar um "segundo time" no cenário de debates e idéias internacionais. Algumas exceções, quebrando essa lógica, viraram figuras míticas no Primeiro Mundo, não sendo por isso mesmo, levados a sério.

O etnocentrismo é um obstáculo quase intransponível ao terceiro-mundista; creio que nunca conviveremos de igual para igual, pelo menos no campo das ciências humanas, em parte por causa deles, em parte por nossa própria causa. Deles, porque o sentimento de "senhores" parece estar muito mais arraigado em seu inconsciente do que acreditam até seus pensadores mais críticos. Hans Magnus Enzensberger, um conhecido e agudo crítico do etnocentrismo europeu, demonstra indiretamente pelas suas atitudes, mesmo ele, que "não somos iguais" ou, então, que não somos "tão iguais quanto eles". Hoje, com a percepção um pouco mais refinada (pelo fato de ter vivido entre os próprios alemães), pude sentir, em sua visita ao Brasil, que a postura de portador de verdade final, pontificando o pensamento e as discussões, a relação de ensinante, são traços presentes, mesmo quando se pretende humildemente aprender com os outros. Esse mecanismo não funciona sozinho: ele necessita da contrapartida, que é o servilismo intelectual de nossos teóricos, que contracenam nesse teatro do senhor e do escravo, mascarado de encontro de irmãos de países distantes. São os elementos de um "inconsciente teórico" derivado de relações de dominação outras (ou lembranças delas), que nos mantêm - além de toda e qualquer dependência econômica e política - como submissos em potencial. É claro que a questão tem muitas outras dimensões que não pretendo tocar aqui; preocupe-me, contudo, no momento, apenas esta: a submis-

são inconsciente intelectual, mascarada de cooperação.

O europeu no Brasil, através da forma como dirige seus desejos, interesses, aspirações, ainda rotula, nem que seja de forma não-racional, nossos elementos de estudo, antes de mais nada, do ponto de vista exótico. Com a mesma explicação inconsciente, nossos intelectuais ainda vão aos especialistas europeus (que muito faturam por meio de seu marketing intelectual "de esquerda") a espera de bençãos e trazem ao nosso país este "capital cultural", como diz Pierre Bourdieu, que é lançado no mercado interno do saber com alta cotação. Importa pouco o valor intrínseco, muito menos a depuração crítica do pensamento que vem de fora: trata-se, antes de mais nada, de aumentar seu capital cultural pela simples publicidade na imprensa, pelas estratégias de marketing intelectual e pelo trabalho de relações públicas do visitante ou "amigo" de fora. A ideologia capitalista de nossa esquerda, como se vê pelo refinamento empresarial, está muito mais sólida - em seus atos - do que pretende seu discurso, puramente teatral, de "questionamento do sistema".

A contrapartida é verdadeira. Especialmente os franceses (veja-se, por exemplo, a estada no Brasil de Armand Mattelart, de Jean Baudrillard ou de Felix Guattari, este último, inclusive, já com estada definitiva por aqui acertada), mas também alguns norte-americanos, italianos, alemães encontram aqui um fértil território, onde podem viver Wie Gott in Frankreich (como um deus na França), segundo o ditado popular alemão, desfrutando belas praias, mulheres sensualmente provocantes e o status de badalação, que jamais poderiam ter em seus países.

Minha ida à Alemanha deveu-se a um interesse intelectual fundado na necessidade de ir ver o que havia sobrado da Escola de Frankfurt: quem por lá ainda trabalhava com ela, que novas idéias surgiram, o que se produzia. Sabia que Jürgen Habermas trabalhava no país, e que especialmente alguns seguidores de Theodor Adorno continuavam a trabalhar com a "cultura de massa"

e a indústria cultural. Tinha a possibilidade de estudar com Dieter Prokop, de Frankfurt, ou com Wolfgang Fritz Haug, em Berlim. Optei pelo primeiro, o que foi, de fato, a escolha mais acertada. Haug, apesar de interessantes trabalhos na crítica da estética de mercadoria e na análise das teorias sobre ideologia, é um autor ortodoxo, preso a uma linha teórica que me traria mais problemas do que soluções. Apesar disso, publiquei no Brasil sua principal obra, o artigo "Crítica da estética da mercadoria".

Comecei a trabalhar com o professor Dieter Prokop, da Universidade de Frankfurt, em 1976. Pouco sabia de alemão e freqüentei alguns seminários da universidade para me aprimorar na linguagem acadêmica e vivenciar o ambiente estudantil. Este pouco se diferenciava do nosso: o mesmo espírito de descrença, as mesmas discussões sobre o autoritarismo dos mestres, um ambiente esvaziado pela crise do movimento estudantil.

O professor Prokop introduziu-me no que havia de mais avançado na área, indicando-me a leitura de Oskar Negt e da coletânea de Michael Buselmeier, A consciência feliz. A partir desse material, levantei vôo por mim mesmo e avancei em outros materiais teóricos e nas pesquisas. A tese, em si, pouco mudou na sua estrutura básica, centrando-se na pesquisa histórica e sociológica sobre as formas de comunicação não-conformistas, que ousaram confrontar o sistema dominante.

A dissertação de doutoramento mudou de território teórico em relação ao mestrado. Partiu para um estudo mais de natureza política do que cultural-ideológica. O próprio estilo é macantemente mais político. A problemática tratada na pesquisa (baseada integralmente na consulta de dados secundários) foi a identificação de experiências significativas nos produtos alternativos da comunicação política, que se opusesse às formas estabelecidas e dominantes de poder e de dominação em períodos de crise política.

Esta problemática subdividia-se em "problemas específicos", para onde convergiu a

busca do material, que foram os seguintes:

1. Até que ponto as camadas médias deveriam ser procuradas nos projetos de mudança social maior?
2. Até que ponto se pode contar com os meios de comunicação para a organização e a mobilização política, qual é o seu alcance?
3. Como se dava a mediação entre as lideranças políticas, os elementos intermediários e as "bases"?
4. Como se apresentavam os veículos proletários de comunicação e sua base de atuação? Esta participava deles?
5. Por que meios os veículos de comunicação dominantes atraíam as classes dominadas? O que deveriam propor estas, em troca?
6. Foi possível a criação e o desenvolvimento de uma "cultura autônoma" nas realidades investigadas? Havia pelo menos sinais disso?
7. Como ficou a questão da "cultura burguesa" nos projetos alternativos e anticapitalistas? Deve-se fazer tábula rasa da tradição cultural herdada? Pode-se fazer fusões e apropriação de elementos úteis?
8. E as mulheres, até que ponto estavam mais expostas que os homens a essa comunicação?
9. Por fim, em que medida os produtos da forma alternativa de produção, distribuição e consumo distanciavam-se dos procedimentos capitalistas?

As questões levantadas representavam, de fato, um universo de estudo excepcionalmente amplo. Não foram, com certeza, trabalhadas em toda sua profundidade, pois cada uma mereceria uma ampla pesquisa. Entretanto, como fato positivo, o resultado das pesquisas feitas representou, antes, a abertura de novos caminhos de investigação.

De fato, nos anos que se seguiram à tese, concentrei-me mais em procurar respostas às lacunas deixadas pela pesquisa. Esta deixou aflorar, num só momento, múltiplas possibilidades de estudo, algumas realmente instigantes. Refiro-me especialmente às questões 2, 3, 4, e 7, e, mais ainda à "5".

Para a operacionalização da pesquisa procedi, em seguida, à definição dos principais conceitos teóricos utilizados, enredando-me através deles em mais uma longa discussão, que, por si só, também justificariam teses indepen-

dentos: classes sociais (inclusive as relações entre massa, povo e massa popular; lumpen e marginalidade), cultura, superestrutura (também consciência, ideologia), e as dimensões do social: o econômico, o político e o ideológico.

Os casos escolhidos para o estudo foram, em primeiro lugar, as formas anticapitalistas de desenvolvimento de uma cultura operária autônoma (inclusive, também, em relação ao Partido Comunista e aos sindicatos, ou seja, às lideranças clássicas, neste caso, marxistas-leninistas) na Alemanha, durante a experiência política e cultural da República de Weimar (1918-1933). Os trabalhadores organizavam nessa época seus próprios sistemas de radiorrecepção, de registro de realidade (por filme, fotografia) e de jornalismo. O momento foi particularmente rico, porque foi marcado pelo crescimento do nazismo e pelo fracasso da liderança comunista ortodoxa.

Escolheu-se, em segundo lugar, o caso Chile durante o governo Salvador Allende, no qual, semelhante ao caso alemão, puderam ser conhecidas experiências muito próximas de organização operária, o confronto com a política comunista oficial, a reação de direita e a implantação do terror no estilo fascista. Diferiu do caso anterior apenas no peso relativamente grande que tiveram as camadas médias no processo.

O terceiro caso, o estudo da realidade italiana de 1945 a 1975, alterou um pouco o quadro comparativo, mas trouxe elementos de um novo contexto, igualmente importante: o país saiu da guerra não tão prejudicado e com uma esquerda (oficial) fortalecida. O pós-fascismo trouxe, através do seu caso, os elementos de uma nova realidade social e a isso se somou a experiência do Movimento de 68, com a atuação da esquerda extraparlamentar e as múltiplas repercussões no campo da comunicação, da cultura e da ideologia.

O Movimento dos Rádios Livres, as formas inovadoras de jornalismo, cinema e teatro tiveram o país como principal palco.

Em quarto lugar, procedeu-se à avaliação de experiências diversas com o uso das novas tecnologias de comunicação (vídeo, cabo, satéli-

tes, ou seja, a comunicação informatizada na sociedade) por meio de grupos politicamente ativos em diversos países industrializados, procurando-se ver em que medida as questões colocadas inicialmente ainda eram pertinentes à realidade atual.

Evidentemente, com o critério de "estudo de caso" não se pôde abranger uma gama maior de situações. Daí a relatividade das constatações extraídas de pesquisa. O movimento cartista e o Proletkult foram estudados de forma passageira; não se tratou, tampouco, da experiência chinesa, da Guerra Civil Espanhola, de Cuba ou do restante do Terceiro Mundo.

A parte conclusiva geral apresentou alguns dados sobre o problema da pesquisa, que puderam ampliar a discussão. Discutiu-se aí, principalmente, a relação do trabalhador com suas lideranças, e como ambos trabalharam a questão ideológica nos veículos de comunicação. Entrou-se no campo da questão moral, da linguagem, do uso da mulher na propaganda política e na investigação dos determinantes psíquicos do comportamento político. A avaliação final tentou puxar um fio que alinhavasse as diversas informações novas sobre as experiências analisadas, e desse atualidade ao estudo para aplicação, especialmente, no caso brasileiro.

As principais constatações foram: 1. o uso dos meios de produção da comunicação burguesa não conduz, por si, à alienação; 2. o engajamento efetivo na organização e na mobilização política foram mais claros e duradouros quando a mensagem dos meios de comunicação era precedida pelo trabalho direto, baseado no contato físico de pequenos grupos de trabalhadores; 3. o veículo rádio é mais efetivo na mobilização política do que os outros meios utilizados (jornal, cinema, TV); 4. os meios de comunicação nas mãos da ortodoxia comunista caracterizaram-se pela ambigüidade de posturas no trato com a cultura e a participação burguesa, o que diluiu a relação de confiança com as massas; 5. essas lideranças foram marcadas, também, pela posição de distanciamento das bases e pela prática do dirigismo po-

lítico de tipo leninista, de caráter autoritário; 6. as lideranças de esquerda perseguiram mais do que apoiaram as iniciativas de auto-ajuda e resistência, nascidas espontaneamente das massas em situação de crise; 7. diante das novas tecnologias de comunicação, a prática que a esquerda demonstrava era ideologicamente próxima aos padrões oficiais e burgueses e de fôlego curto; 8. o fracasso das formas alternativas de comunicação deveu-se ao seu não-enraizamento nos movimentos populares e ao fato de não terem sido necessidades deles; 9. a esquerda foi ingênua na luta pelas rádios livres, servindo de instrumento para que, quando seu gás acabou, grandes produtores comerciais se instalassem em uma realidade já sem o monopólio estatal de comunicação; 10. não houve nenhum tipo de pesquisa séria sobre a linguagem dos veículos de comunicação que abrisse o caminho para um novo conteúdo e uma nova forma ideológica não-capitalista.

Com esta pesquisa, dinamizei, também, uma área paralela de interesse, à qual hoje volto a dedicar grande atenção: o estudo da violência política através de regimes radicais (ou, no caso atual, através da própria ação das massas). Estudei o fascismo alemão e aumentei muito a bibliografia e o conhecimento a respeito. Hoje, em vista de minha investigação psicanalítica sobre as origens da violência e do sadismo de massa, pretendo ampliar a discussão para a redação futura de uma pesquisa denominada "Nazi-sadismo", partindo de informações prestadas por sobreviventes de campos de concentração alemães, para chegar a um estudo mais aprofundado nessa área relativamente subdesenvolvida da psicanálise social, mas excepcionalmente atual.

A tese foi apresentada e defendida em alemão, numa sessão realizada na tarde de 15 de maio de 1981, nas dependências do Departamento de Sociologia, décimo-oitavo andar do edifício "Torre" da universidade. Fui argüido por quatro especialistas e apresentado pelo meu orientador. Após o debate, ocorrido em ambiente não cerimonioso e extremamente simples (semelhante aos nossos exames de qualificação da pós-graduação),

obtive, depois da reunião da banca, a portas fechadas, a avaliação magna cum laude, ou seja, nota magna com louvor, sem existir atribuição de valor numérico para a prova. A tese foi editada pela editora H.P. Gerhardt, de Frankfurt, e distribuída a todas as bibliotecas e universidades da Alemanha Federal.

A pesquisa de doutoramento foi financiada pelo Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico, durante os cinco anos em que vivi na Alemanha. Inicialmente, recebi um reforço da FAPESP, que me deu uma pequena ajuda complementar. A Universidade de São Paulo autorizou-me a sair sem prejuízo de vencimentos, o que, entretanto, não significava quase nada, pois os salários estavam demasiadamente defasados e meu status acadêmico era de auxiliar de ensino, tempo parcial, degrau mais baixo da carreira.

Paralelamente à produção da tese, frequentei diversos congressos ou seminários de comunicação na Alemanha Federal e em outros países (Espanha, Polônia), além de fazer visitas a instituições de contracomunicação ou contracultura em diversos países europeus.

A tese de doutoramento foi publicada no Brasil, em 1982, sob o título de O discurso sufocado, com algumas partes alteradas e traduzida por mim mesmo. Trouxe, além disso, vasto material teórico e de apoio para a elaboração de cursos de pós-graduação e de pesquisas.

Intellectual e o circo da comunicação

O retorno ao Brasil, em 1981, representou o desenvolvimento de algumas novas orientações de pesquisa, junto a um reatamento à funções que desempenhei anteriormente. No plano de participação científica, participei de diversos encontros ou ciclos de debates; na produção, retornei à atividade de publicar, iniciando, agora ativamente, a elaboração de textos; por fim, no apoio à pesquisa, passei a participar de órgãos de incentivo à produção acadêmica na área.

Já em 1981, participei, com uma comunicação, do IV Ciclo de Estudos da Intercom (Sociedade Interdisciplinar de Estudos de Comunicação); em seguida, dirigi uma das seções, a de "Novas tecnologias", acompanhando o especialista belga Armand Mattelart, que realizou um curso para docentes de Comunicação, em São Bernardo do Campo.

A atuação em órgãos de apoio à pesquisa refere-se ao meu assento, nos quatro anos que durou, no Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento da Pesquisa, da Sociedade Mantenedora de Faculdades Visconde de São Leopoldo (SVSL). O retorno da Alemanha e minha atividade anterior, chefiando o Centro de Pesquisas Aplicadas em Comunicação, foram os argumentos para que fosse convidado para semelhante órgão.

No ano de 1982, continuei a transferir meus conhecimentos aprendidos na pesquisa anterior por meio de viagens feitas pelo Brasil ou da participação em reuniões científicas nesta capital. Em maio de 1982, participei do ciclo "Comunicação em questionamento", no Maranhão; posteriormente, em agosto, dei uma semana de palestras na Universidade Federal da Bahia e no Instituto Goethe de Salvador. Em São Paulo, atuei como expositor na I Semana de Jornalismo Internacional, no curso "Comunicação internacional: depoimentos" e em São Bernardo do Campo no Simpósio sobre Comunicação, Ciência e Cultura. Além de falar sobre "comunicação alternativa", que foi assunto do meu doutoramento, discorri,

nesses encontros, sobre a pesquisa em comunicação na Europa e as mais recentes constatações na área.

A produção científica, de modo considerável viria no período pós-1983. De 1983, a 1986 atingi, sem sombra de dúvida, o ápice da minha vida intelectual, pelo volume de obras publicadas, atuação em reuniões científicas, cursos ministrados e traduções feitas. Em 1983, obtive minha livre docência e, em 1985, a adjunção na Universidade de São Paulo.

A tese de livre docência denominou-se O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza. Foi concluída três anos após o doutoramento e oito após o mestrado. Como as demais, foi elaborada na área de Sociologia da Comunicação. Se a primeira trabalhou com a questão da cultura (a arte sob a perspectiva da Estética Sociológica) e a segunda com a política (as possibilidades de ação política da comunicação), esta voltou-se ao objeto imprensa, submetendo-o à leitura sociológica.

A tese sobre Lima Barreto ocupou-se com um objeto que é produzido pela sociedade, por seus criadores (a arte); a segunda tese com um objeto produzido pelos grupos dominados, marginalizados ou despossuídos, a comunicação de oposição. Neste caso, agora, importava investigar o objeto produzido pela dominação e pelo poder na sociedade, a imprensa, que na minha opinião, é uma das vigorosas formas de sobrevivência do próprio capitalismo.

O capital da notícia pretendeu submeter a análise da imprensa sob a perspectiva da Sociologia e da Economia Política. A obra dividia-se, em sua versão original, em quatro partes: imprensa e estruturação econômica da sociedade; a transformação da atividade jornalística em grande empresa capitalista; jornalismo e esferas do poder: conflitos e arranjos; e, finalmente, as experiências com um outro jornalismo.

Estudei a imprensa e o jornalismo, pois sempre senti (como professor e pensador)

uma grande lacuna teórica: os estudos à disposição do público brasileiro padecem de problemas crônicos advindos do nosso próprio subdesenvolvimento intelectual, que pode produzir apenas, com raras exceções, obras de segunda categoria. Há autores que, embora bons jornalistas, são péssimos teóricos (Alberto Dines, Juarez Bahia, Cremilda Medina). Outros são frágeis, vazios, pouco científicos ou inovadores (Marques de Melo, Luiz Beltrão). Na análise da imprensa brasileira, alguns fizeram estudos históricos (Freitas Nobre, Carlos Rizzini, Nelson Werneck Sodré, Antônio Costella), outros avançaram de uma forma um pouco mais séria no questionamento do papel do jornalista (Clóvis Rossi, Ricardo Kotscho). Em nenhum caso, contudo, procurou-se ir mais a fundo no papel da imprensa, visto de uma perspectiva genuinamente sociológica.

Minha investigação partiu, após introduzir a relação da imprensa com os poderes sociais e definir a notícia, para a tentativa de abordá-la sob o ângulo da Economia Política, apoiando-me no modelo usado por Marx para o estudo de mercadoria. Na discussão sobre "Jornalismo e poderes", busco desmascarar o mito idealista de que o jornalismo é um "poder social", capaz de atuar de forma independente e democrática, vinculando-o nitidamente ao jogo de forças da sociedade; na definição de notícia, busco situá-la sob um tripé, como sendo o fator de sobrevivência econômica da empresa jornalística, veiculador de sua ideologia e estabilizador político. Nesta mesma introdução, lanço a tese de que o noticiário jornalístico garante seu público e seu consumo pelo jogo psíquico, ao qual submete o leitor, ao mesmo tempo atemorizando-o e tranquilizando-o. Ele funciona "dialeticamente" ao produzir efeitos opostos a um só tempo e garante, por essa alternância de emoções, sua receptividade social.

O capítulo mais denso teoricamente é o que trata da imprensa e da estruturação econômica da sociedade. O objetivo, aqui, é aplicar a teoria do valor, de Marx, na análise de notícia: o jornal sobrevive pela realização de sua merca-

doria notícia, através da lógica contraditória de seu valor de uso (informação e opinião) e de seu valor de troca (venda de espaços para anunciantes, venda do jornal etc.). É uma mercadoria que, como as demais, sintetiza a própria lógica do capital, que reduz todos os bens sociais (valor de uso) às relações econômicas definíveis no mercado (ao seu valor), esvaziando-as, reduzindo-as a puros valores quantitativos e descaracterizados. A discussão, nesse capítulo, aborda também as possibilidades do jornalismo em países socialistas e a contradição entre a linguagem jornalística e a literária (para a qual Marx chamara a atenção nos Compêndios da crítica da economia política e, mais tarde, Walter Benjamin, no seu ensaio sobre "O narrador").

A partir daí, procede-se à investigação das formas como o jornalismo forja o real, constrói outra realidade diferente da realidade objetiva (cria uma "segunda natureza" do social), por meio de mecanismos de encobrimento e falseamento: a fragmentação, a personalização dos fatos e acontecimentos, o uso da linguagem técnica, a supressão de informações ou seu destaque exagerado.

Antes de apresentar os estudos de casos sobre a imprensa, apresentei, no capítulo seguinte, o processo histórico que marcou a transformação da atividade jornalística em grande empresa capitalista. Início pelos primórdios de trânsito de informações comerciais no período mercantilista (rigorosamente, ainda não "jornalismo"), passo pela acalorada imprensa político-literária do século XIX, ainda muito fragmentada em milhares de pequenos jornais dos cafés europeus, chegando ao início da grande imprensa de massa, com a introdução da rotativa em 1814 e sua expansão após 1830. A partir daí, dá-se a mudança nitidamente qualitativa na imprensa, passando a prevalecer seu valor de troca, através da introdução de artifícios para favorecer a venda em massa do produto (a busca de notícia, o "furo", a atualidade) em detrimento de seu caráter político anterior. O sensacionalismo, as histórias de interesse humano, as reportagens

virão mais tarde como meios de reforço desse processo para se chegar a uma "imprensa leve". O capítulo encerra-se com a discussão da concentração na imprensa e o jornalismo na era eletrônica.

Os estudos de caso são tratados no capítulo seguinte. Trata-se da análise das formas de relacionamento da imprensa com o poder instituído. Parto de um estudo do Estado capitalista, do liberalismo, que é o suporte do discurso da liberdade de imprensa, para chegar às formas de conflitos e arranjos entre o poder político e o "poder informativo". Os casos analisados são a imprensa no período fascista, o caso Watergate nos EUA (que culminou com a renúncia do presidente Nixon e que contou com a atuação marcante do jornal Washington Post), a atuação do jornal República e da rádio Renascença na Revolução dos Cravos em Portugal, e, finalmente, a Reforma da Imprensa Peruana no período do governo Velazco Alvarado. As conclusões mais importantes da pesquisa foram: 1. nos períodos de crise política, a imprensa é claramente manipulada ou instrumentalizada pelo Estado; 2. a imprensa pode entrar em conflito com o Estado em formações sociais capitalistas; sua atuação visa, em geral, reforçar as estruturas de apoio do Estado que, embora sofra ataques de facções dominantes fora do poder, necessita da própria imprensa para realizar o "teatro" das lutas internas burguesas no seu seio, aparentemente lutas abertas e democráticas; 3. o Estado tem demonstrado historicamente inabilidade ou mesmo ingenuidade no trato com a imprensa; 4. não é a imprensa nem o Estado que fazem, juntos ou isoladamente, a história, mas a dialética entre eles e a sociedade real, a partir de cujas lutas e convulsões a história se constitui.

Finalmente, o trabalho apresentou, a título de apêndice, as teses mais significativas que transitaram pelas esquerdas nos períodos de expansão do movimento da imprensa alternativa européia (1968-1975). Os órgãos mais significativos desse movimento foram os jornais europeus Lotta Continua, Libération e Tageszeitung.

A tese de livre docência foi apresentada em meados de novembro de 1983 na Escola de Comunicações e Artes da USP e foi bem aceita pela banca examinadora que lhe deu a nota máxima. No debate sobre notícia como mercadoria, questionou-se a afirmação de que a TV se paga com audiência, que isso não se aplicaria no Brasil, por ser a TV aqui gratuita. A "moeda" da relação de troca existente entre público e emissor, contudo, é de outro tipo. Tampouco na Europa se toma a relação fisicamente. Circula um pagamento abstrato de audiência, que permite a compra das mercadorias entretenimento, dispersão, ação etc. Outra questão levantada referia-se ao Caso Nixon, que para uns significou vitalidade das instituições em vez apenas de jogo de interesses. No texto, aponteí que a argumentação tomava o mito pela verdade. A liberdade de imprensa não está fora do debate ideológico mas é o argumento dos donos de jornais para encobrir a trama de interesses que derrubou o presidente. Finalmente, a questão da segunda natureza: seria um retorno a Rousseau? Não. O conceito parte de Marcuse. É a reconstrução do mundo operada pelo jornalismo, substituindo o real pela deformada reprodução de visões de mundo particularistas.

O ano de 1983 foi marcado também por uma grande quantidade de publicações na área (ensaios, artigos, verbetes), participações em reuniões científicas (Simpósio de Comunicação, Ciência e Cultura de São Bernardo do Campo e Encontro de Arte-Educação, em São Paulo) e duas novas atividades: editoração da revista Comunicações e Artes, da ECA-USP, e tradução de diversos textos alemães na área.

A revista Comunicações e Artes havia sido criada em 1974 e se propunha a sair três vezes por ano. Até 1983, haviam saído 11 números, o que equivale a dizer, um por ano. Funcionava mais como espaço, em que os professores publicavam seus ensaios (geralmente engavetados) e, na maioria dos casos, apenas para efeito de

curriculum vitae. Não havia organicidade, as matérias eram de pouco interesse e, salvo um ou outro número, o encalhe era muito grande.

Ao ter sido nomeado editor da publicação em 1983, decidi introduzir grandes inovações na revista: recuperar sua periodicidade, aumentar a faixa dos que recebiam a publicação, melhorar o nível das matérias, incentivando um rigoroso controle de qualidade. Na revista que saiu no ano seguinte, meu trabalho resumiu-se em apenas editar o material que já havia sido produzido (o tema era "15 anos de ECA"). A partir da 13, dei à revista uma coloração nova. Mudou-se a capa, o tipo de matéria, ampliou-se consideravelmente o número dos que recebiam o periódico. Em 1984, este número esgotou. Em 1985, já na luta pela tiragem de três números anuais, conseguimos produzir a 14 e a 15. Em 1986, como divulgado no editorial da revista 16, atingimos, pela primeira vez, a edição de três números por ano, instituindo o caráter monográfico, cuidando da qualidade do material e disciplinando sensivelmente a cronologia de saída. No atual ano em curso, já contribuíram para a revista eminentes personalidades intelectuais como Octávio Ianni (Gabriel Cohn e Florestan Fernandes deverão aparecer na 18), e a publicação já tem um bom nome no mercado.

Em 1983, traduzi diversos textos de Sociologia da Comunicação da Alemanha Federal, que serviram de suporte aos cursos de pós-graduação ministrados no período. Estes textos foram publicados no ano seguinte, na coletânea A linguagem da sedução. A conquista das consciências pela fantasia (esgotada). Trata-se do que havia de mais novo naquele país sobre recepção da comunicação, ideologia dos programas e dos conteúdos, análise publicitária e cultura socialista. Foram publicados autores como Michael Busselmeier, Ulrich Reyher, Oskar Negt, Peter Kammerer e Wolfgang Haug, até então completamente desconhecidos no Brasil. Traduzi também Peter Schneider e os principais trechos de seu célebre

ensaio "A fantasia no capitalismo tardio e a revolução cultural", até então jamais mencionado em qualquer publicação nacional na área.

Estou consciente que essas e outras publicações posteriores por mim encaminhadas abriram um novo caminho na área de comunicação no Brasil em particular e, por projeção, na América Latina. A pesquisa brasileira na área estava presa a velhos textos, e a introdução de clássicos, datada do início dos anos 70, quando Gabriel Cohn lançou de forma pioneira (e altamente enriquecedora) sua coletânea Comunicação e indústria cultural e Luiz Costa Lima o seu Teoria da cultura de massa, ambos tentando dar bases mais sólidas aos modismos da época, apoiados em Marshall MacLuhan, Edgar Morin e outros. A contribuição de Gabriel Cohn foi extraordinária mas, em que pese a grande quantidade de seguidores, não foi continuada com pesquisas à altura de sua Sociologia de comunicação, teoria e ideologia. A discussão e a pesquisa teórica e prática na área permaneceram na repetição de esquemas (de Umberto Eco, de David Riesman, dos teóricos da Escola de Frankfurt) e numa quase total paralisia. Autores como Louis Althusser e Antonio Gramsci foram procurados para dar bases mais sólidas à área, mas não foi frutífera a incursão em seus textos.

Com a introdução da nova pesquisa em comunicação alemã através dos autores mencionados, com a nova pesquisa em jornalismo (de O capital da notícia, e uso que nela se fez de fontes predominantemente européias e da coletânea Imprensa e capitalismo, por mim publicada em 1984), com a introdução e a apresentação no Brasil de Dieter Prokop, com a realização do Simpósio Internacional de Comunicação e Cultura e Ideologia, em novembro de 1986, acredito que não apenas introduzo, bem como consolido uma densa produção científica, nesta área no Brasil, que até três anos atrás ainda permanecia na busca desgastada dos mesmos autores (ultrapassados) de sempre.

A nova orientação da pesquisa de comunicação por mim introduzida entre 1983 e 1986,

apoiada pelas publicações em livros e revistas, pela organização de encontros científicos e pelo trabalho multiplicador realizado por muitos alunos, ex-alunos, mestrandos e doutorandos, corresponde, nesta segunda fase de pesquisa em comunicação no Brasil, a um significativo salto teórico nas ciências humanas do país.

Em termos do apoio institucional às atividades de pesquisa, participei, em 1984, como membro do Conselho de Ensino e Pesquisa, da Coordenação das Linhas da Pesquisa em Comunicação e da Câmara de Assuntos Acadêmicos da Sociedade Visconde de São Leopoldo, de Santos, da promoção e do apoio às pesquisas e estudos de natureza didática naquela instituição. Os órgãos mencionados englobaram o Grupo de Trabalho para Apoio à Pesquisa, já citado.

Em viagem à Europa, em 1984, procurei atualizar-me em relação ao que estava sendo feito na área de Comunicação, especialmente em relação aos objetivos que havia estudado em meu doutoramento. Visitei, em Frankfurt, a sede do jornal Tageszeitung, o mais importante órgão da contra-informação política do país, e fiz uma longa entrevista em sua redação. Visitei também o Centro para os Meios de Comunicação Alternativos nessa mesma cidade. Na França, entrevistei um redator do jornal Libération, na sede do mesmo. Na Itália, visitei a redação das rádios Popolare e Regione, conhecidos como veículos políticos inovadores no cenário das comunicações em massa européias. Todo esse material serviu-me como atualização em relação ao que se produz na área. O produto dessas entrevistas saiu em vários periódicos da época (Folha de S. Paulo, Leia, Lua Nova e, em 1986, na edição comercial do livro O capital da notícia).

Em 1984, sai editado o livro Imprensa e capitalismo (São Paulo, Kairós), coletânea organizada por mim, incluindo traduções de textos alemães que fizeram parte das reflexões para a

tese de livre docência. Publiquei neste livro diversos capítulos do original alemão "Wie links können Journalisten sein?" (Até que ponto os jornalistas podem ser esquerdistas?), o documento mais importante da intensa discussão realizada em princípios dos anos 70 sobre a relação entre imprensa e Estado na Alemanha Federal. A produção teórica alemã da época foi riquíssima e, no Brasil, os professores de jornalismo e comunicação ainda permaneciam parados no tempo e no espaço, falando dos "clássicos" americanos ou dos funcionalismos franceses (isso quando não passavam o tempo retardando os alunos com autores brasileiros sem qualquer profundidade ou importância teórica). A apresentação do texto das discussões no Brasil, ainda que com 15 anos de atraso, significou uma inovação: de repente, os professores sentiram que há outra forma de se ensinar o jornalismo teórico. A forma alemã de reflexão do papel da imprensa é muito mais sólida e substantiva, e introduz categorias críticas sociológicas, políticas e culturais imprescindíveis ao aprofundamento da discussão.

A coletânea trouxe também Jürgen Habermas, cujo Mudança estrutural na esfera pública ainda não havia sido traduzido no país, apresentando desse livro o capítulo que trata da evolução da imprensa do século XIX ao XX. Por fim, a coletânea introduziu no país o nome de Friedrich Geyrhofer, que a exemplo de Karl Kraus, representa um dos maiores e mais polêmicos críticos da imprensa.

Além dessa coletânea, publiquei em 1984 vários artigos e ensaios em revistas especializadas sobre comunicação, jornalismo ou teoria da ideologia. Publicado em 1983, o texto que considero mais significativo foi "O imperialismo cultural, o grande 'vilão' na destruição da nossa cultura".

Este ensaio marca minha ruptura com a linha ortodoxa de Armand Mattelart, Herbert Schiller e seus inúmeros seguidores na América Latina, que atribuem ao imperialismo cultural, enquanto forma ideológica moderna de avanço daquilo que Lênin havia classificado de imperia-

lismo (político econômico), a causa da condição de passividade das camadas dominadas nas sociedades do Terceiro Mundo. Neste texto, defendo, opostamente, a opinião de que o problema não está na relação dominante/dominado em termos econômicos ou geopolíticos. A tese criticada é de opinião que a causa do nosso subdesenvolvimento político é a ação "avassaladora" de uma cultura internacionalizada e padronizada, que, pela sua própria onipresença, calaria todas as "legítimas" manifestações do nosso povo. Minha objeção neste ensaio apóia-se em outra base: a causa de nosso subdesenvolvimento político, de submissão aos dominantes, da falta de afirmação ideológica devem-se não à penetração de idéias e valores alienígenas, e sim a nós mesmos, através da reprodução aqui do modo de pensar capitalista. É este modo de pensar, que permeia a formação da consciência do povo em todos os níveis, que é o responsável por essa situação. Propuz que se acabe com o "discurso dos coitadinhos", que sempre conotou a tese do "imperialismo cultural", acabando com a transposição das responsabilidades históricas e políticas para outros e procurando-as aqui mesmo, entre nós, como reprodutores desse modo de pensar.

Acredito que esta, como outras teses que apresentei em diferentes ensaios, acrescidos às discussões em cursos de pós-graduação e em encontros científicos, alteraram de forma considerável o quadro do pensamento intelectual nesta área. Senti que após a crítica aos "aparelhos ideológicos de Estado", de Louis Althusser, publicada em 1982, o conceito tornou-se muito mais raro e hoje em dia, quase desapareceu. A crítica radical que fiz aos estudos sob o rótulo de "cultura popular" no ensaio "Cinco teses equivocadas sobre poder, propaganda política e cultura popular", publicado em 1985, contribuiu igualmente para que este tema caminhasse para o ostracismo, o que parece ter acontecido, pelo menos na área da comunicação, com o conceito de imperialismo cultural, e com a própria análise de conteúdo em comunicação.

Por outro lado, sou o responsável pela introdução de novos conceitos de pesquisa, que vêm ganhando muito terreno nas investigações e nas discussões abertas sobre comunicação e cultura. Trata-se, por exemplo, do conceito de fantasia e de imaginário na comunicação em massa; dos conceitos de signalidade e de clichê na análise dos produtos de comunicação; da abordagem psicanalítica dos processos de transmissão em massa de mensagens sociais; da ampliação do conceito de ideologia (retirando-lhe a conotação de "falsa consciência"), nele inserindo o comportamento subjetivo, os modos de ação não diretamente políticos; do conceito de estética da mercadoria.

Após o concurso para professor adjunto, em março de 1985, produzi cientificamente um volume de textos e de material para publicação que, acrescidos às atividades editoriais, didáticas e profissionais, caracterizaram estes últimos dois anos (1985-1986) como os mais produtivos de toda minha carreira acadêmico-profissional.

Em 1985, participei de vários seminários na área de comunicação (Semana do Trabalhador no Centro Cultural de São Paulo, falando sobre "Imprensa militante"; Semana de Jornalismo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, debatendo a "Imprensa alternativa"; III Simpósio sobre Comunicação, Ciência e Cultura, do Instituto Metodista de Ensino Superior de São Bernardo do Campo, dirigindo um debate sobre "Comunicação e política"; Congresso do Corpo, em Santos, discorrendo sobre "O corpo e os meios de comunicação"; Debates sobre a constituinte, falando em São Paulo sobre "A constituinte e os meios de comunicação").

Publiquei três livros em 1985, só sendo superado pelo volume publicado em 1986, com cinco obras editadas comercialmente. Os livros que saíram no ano passado foram duas coletâneas e uma pequena publicação (A linguagem da sedução. A conquista das consciências pela fantasia,

(Com-Arte), Política e Imaginário nos meios de comunicação para massas no Brasil, (Summus) e O que todo cidadão precisa saber sobre Ideologia, (Global).

O primeiro livro é a publicação das traduções de textos alemães que utilizei em diversos cursos de pós-graduação em São Paulo, São Bernardo do Campo e Santos, já mencionados em páginas anteriores. Foi editado pela editora do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECAUSP, a Com-Arte, responsável pelo acabamento pouco profissional da obra. As traduções feitas por mim não foram remuneradas. Solicitei à direção da ECA, sem sucesso, o reembolso dos custos e do trabalho para a edição da obra. Como se isso não bastasse, tive que pagar do próprio bolso os direitos autorais de dois textos publicados, que me custaram quase 80 dólares. Mais ainda: para o livro sair efetivamente, tive que arregajar as mangas e acompanhar fase por fase a produção do mesmo, cobrando insistentemente o trabalho do pessoal envolvido: professores, alunos e funcionários da ECA.

Mesmo assim, houve problemas. O texto teve revisão precária (tanto dos originais como das provas), a paginação erros flagrantes, e passagens e frases foram simplesmente suprimidos. Não obstante, após pouco mais de um ano, o livro esgotou-se.

Em termos de ensino e pesquisa, o livro, apesar disso, significou uma razoável contribuição por trazer autores, idéias e novo material de análise. Além dos já mencionados, o texto apresenta a tradução de alguns textos inéditos de Joseph Goebbels, sobre propaganda nazista e de Ernst Bloch, sobre a necessidade de renovação do discurso socialista.

O segundo livro, que saiu praticamente no mesmo período que este, foi o Política e imaginário, igualmente uma coletânea. Desta vez, foram publicados autores nacionais dentro do tema central. Reuni um artigo sobre a produção de televisão (de Gisela Swetlana Ortriwano), quatro sobre a mensagem (de Zulmira Tavares, Sônia Ramires de Almeida, Wilson Roberto dos Santos e um

meu) e um sobre a recepção (de Orlando Miranda). Incluí nessa obra, como apêndice, um ensaio de minha autoria sobre propaganda política e o "carneval eleitoral", modalidade nova na política brasileira pós-abertura, ao introduzir cantores, artistas de TV, gente não-familiarizada ao ambiente político, em palanques eleitorais. No corpo do livro, meu artigo desenvolveu reflexões sobre três diferentes produtos da comunicação de massa: o teatro (estudo da peça Quase 84, de Fauzi Arap), o rádio (estudo do Programa Gil Gomes, rádio policial sensacionalista) e a televisão (estudo do programa Fantástico, da TV Globo).

Por fim, o último livro publicado em 1985, lançado em novembro, foi o texto sobre ideologia. Esta foi minha primeira tentativa na área dos livretos chamados paradidáticos. Tentou traduzir, em linguagem simples e pouco acadêmica, o estágio atual da discussão sobre o conceito de ideologia. As reflexões propriamente ditas já haviam sido bastante trabalhadas em três cursos de pós-graduação ministrados na ECA-USP, sob o título "Teorias sobre a ideologia. Fetichismo e alienação na indústria da consciência", que é uma das disciplinas deste concurso. A publicação teve um relativo êxito editorial, pois já está na 3.^a edição e caminha para a 4.^a, com 15.000 exemplares vendidos.

No ano de 1985 também editei o número 13 da revista Comunicações e Artes, na qual já aparece uma nova marca editorial. As colaborações foram escolhidas de forma mais criteriosa, o conselho editorial passou a rejeitar as contribuições sem preocupação qualitativa, e implantou-se um estilo mais sóbrio e uniforme. A preocupação era a de interferir no debate intelectual, ganhando importância suficiente para demonstrar que na ECA também se produziam artigos de qualidade. De fato, o investimento qualitativo repercutiu de saída, pois em 1985 já estava esgotada esta edição.

Dos ensaios produzidos em 1985, alguns mereceram um destaque especial. Em "Imaginário, o arquiteto da revolução", publicado como capí-

tulo introdutório no livro A linguagem da sedução, apresento pela primeira vez, de forma consistente, minhas impressões sobre o tema fantasia socialista. A questão que permeia esse debate é a do chamado imaginário das massas. Por que, afinal, a fantasia é explorada apenas pelo capital, através de seus veículos de comunicação e de sua indústria cultural, e não pelo programa socialista? Este parece estar condenado a andar sempre atrás - décadas - do avanço das formas de exploração capitalista da consciência. Para fundamentar essas colocações traduzi, já mencionados, grandes trechos de Ernst Bloch, Joseph Goebbels e Peter Schneider.

Deste último, apanhei a maior quantidade de citações. Schneider, até então desconhecido no Brasil, havia publicado, logo após o Maio de 68, seu texto "A fantasia no capitalismo tardio e a revolução cultural". Cheguei a traduzi-lo até a metade (é relativamente longo). Algumas passagens, contudo, pareceram-me um pouco anacrônicas, em especial o seu entusiasmo pela revolução chinesa. Em resposta à carta enviada ao autor, solicitando autorização para a publicação, Schneider disse-me que pouco reconhecia de seu, em 1984, no texto sobre a fantasia. Resolvi, então, selecionar as partes mais sólidas de sua argumentação, e publicá-las de forma fragmentada. Schneider é importante por ter conseguido, a partir de Freud, recuperar o discurso da fantasia socialista para as esquerdas e, através da riqueza de seu texto como escritor, ter atualizado o marxismo.

Outro ensaio de 1985 que merece menção é "A Folha e as diretas-já". Produzi-o na qualidade de colaborador do jornal Leia, a pedido da editoria. A intenção era submeter a participação do jornal Folha de S. Paulo como promotor da campanha "diretas-já" no Brasil a uma análise. Realizei uma pesquisa em suas páginas e cheguei à conclusão de que, ao contrário do que afirmava o jornal, as massas não se moviam por sua pressão; este tentava empurrá-las, após o esvaziamento do movimento, na ilusão de que o "jornal faz a história". No máximo, concluiu minha pes-

quiza, o jornal funcionou como articulador, organizador do movimento. A repercussão do ensaio na redação do jornal foi, como já se poderia esperar, ruim. Os "defensores da democracia" rejeitavam a matéria e estavam prestes a escrever uma resposta ao jornal Leia. Não o fizeram para não dar maior destaque a mim ou à matéria. Em compensação, baixaram medidas punitivas ao tablóide por sua audácia crítica: suspenderam a publicidade gratuita do jornal de divulgação de livros e cortaram a remessa automática a Nova Iorque.

As "Cinco teses equivocadas sobre poder, propaganda política e cultura popular", outro ensaio de 1985 que considero importante, discute alguns mitos na área de comunicação. Rejeita, em primeiro lugar, a tese de que as classes populares recusam o poder instituído, sua hierarquia de valores e status. Depois disso, critica a concepção de que o trabalho com a "cultura popular" poderá conduzir à "formação revolucionária ou crítica". Mais adiante, rebato as teses de que os uso dos símbolos e dísticos em propaganda política tenham algo a ver com a conscientização ou politização dos filiados, acreditando, ao contrário, que são meras formalizações do discurso político. A quarta tese põe em dúvida a validade do divisionismo no campo da política entre "direita" e "esquerda". Por último, ponho em discussão o sentido da "determinação em última instância do econômico" como verdadeira na discussão política.

Este estudo é importante em minha trajetória intelectual, porque marca, como foi o caso do ensaio sobre o imperialismo cultural, uma mudança (ou correção) de rumo no pensamento teórico. Rompo aí com os estudos sobre cultura popular e questiono diversos mitos correntes nas oposições políticas brasileiras.

Outros textos publicados em 1985: "Rádio Popular" (Lua Nova) "A crise do jornalismo", "Morte e vida do velho Pasquim", "Village Voice: o brinquedo dos milionários", "Libération: o pai

da idéia", "A morte do grande chefe", todos publicados no jornal Leia. Além disso, "Os partidos e a TV" (Lua Nova). Em 1985, dei também diversas entrevistas à Rádio USP e à Rádio Cultura-FM, falando de minhas publicações e apresentando-as ao público.

No ano de 1986, organizei alguns projetos de vulto na área de Comunicação. Fui o idealizador e o realizador do Simpósio Fascinação e Tédio na Comunicação, que contou com a presença do especialista alemão Dieter Prokop, a maior autoridade alemã no momento em assuntos de comunicação e cultura de massa. Desde o ano anterior, vinha me esforçando para conseguir a vinda do especialista ao nosso país. Organizei o simpósio, que demorou três dias, e o levei ainda, à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e à Rádio USP, nesta última para uma entrevista no programa Vamos ler especial.

No final de 1986, organizei também o I Simpósio Internacional de Comunicação, Cultura e Ideologia, realizado na USP entre 28 e 30 de novembro. Remeti mais de 30 cartas-convites a personalidades européias, da América Latina e dos Estados Unidos, e convidei, no Brasil, os pesquisadores que considero mais importantes da área.

Além disso, organizei junto a cerca de 15 professores da Escola de Comunicações e Artes um grande projeto de pesquisa para ser apresentado à Reitoria da USP, como proposta de produção científica de longo alcance. Pretende-se, com o projeto, realizar um trabalho de vulto para a construção de uma nova Ciência da Comunicação no Brasil. Os objetivos básicos foram divididos em três grupos: uma parte teórica (elaboração de um novo paradigma para a Ciência da Comunicação), uma teórico-aplicada (estudo da praticabilidade de projetos de comunicação no Terceiro Mundo) e, finalmente, a parte operacional, composta de pesquisas de campo realizadas por docentes da ECA-USP em diversos campos de atividade (televisão, jornal, cinema, rádio etc.).

Intentamos chegar a um produto final complexo, que se implante em todas as áreas de comunicação do país e, ao mesmo tempo, force a uma alteração na legislação, visando o aperfeiçoamento dos currículos das escolas de comunicação, maiores oportunidades profissionais aos seus formandos e uma mudança estrutural na preparação do comunicador no Brasil. O projeto deverá ser realizado em três anos e leva o nome de "Comunicação para o ano 2000".

Ao lado desses grandes projetos, continuei a participar de pequenos eventos, como o seminário Indústria Cultural no Brasil: Emergência e Situação Atual, na PUC-SP ou em debates como A Constituinte e os Meios de Comunicação no Brasil, em Ribeirão Preto.

Essas atividades exaustivas e diversificadas, não obstante, têm me levado à reflexão em relação ao caráter da múltipla atuação social.

Atualmente, parece-me que chegou o momento de avaliar e submeter à crítica o empenho, muito frequente na área acadêmica, em produzir muito, de "batalhar" por espaços nos meios de comunicação, de aceitar todos os convites de simpósios, pelo simples argumento de promoção do trabalho ou aproveitamento das oportunidades. O docente universitário que entra nesse ritmo começa a perder gradativamente a noção do valor da produção de obra. É muito fácil cair-se, então, na roda-viva do "show-business cultural", que vive de aparências e pseudo-intelectuais.

Neste presente momento, sinto que minha relação com a chamada "mídia impressa", a "indústria dos congressos", o "turismo acadêmico" está se transformando substancialmente. Existe uma cobrança, uma compulsoriedade em se integrar na máquina de comunicação em massa, constatando-se que se deve submeter a ela ou cair no anonimato. Hoje a questão se coloca, pelo menos para mim, de forma diferente: respeito intelectual e profissional devem ser radicalmente separados da promoção pessoal, da busca da

notoriedade por meio da insistência e, não raro, da submissão a situações deprimentes e aviltantes. Os professores universitários tornam-se hoje, também eles, macaquinhos desse circo geral da comunicação, no qual têm que dar suas cambalhotas para se manter na onda...

Foram absorvidos, também pela indústria do vazio e do aparente, que caracteriza toda a nossa produção cultural. Acho, hoje, que o docente universitário tem que recuperar seu prestígio através da sobriedade, do distanciamento, da discrição. Tenho sérias dúvidas se na atividade intelectual tem algum sentido substantivo a relação de submissão aos meios de comunicação e essa tendência à degradação pelo status de variedade da indústria das consciências.

Da mesma maneira, a indústria dos congressos, o turismo acadêmico. Tenho recusado cada vez mais a participação em simpósios e reuniões "científicas" realizados em toda parte, pelo seu próprio caráter meramente aparente. Até que ponto significam alguma coisa de sério? Em muitos casos, tenho visto que a cena de um painel científico não passa de um espetáculo de formalismos, no qual alguns à mesa falam para platéias desinteressadas pelo real conteúdo e, quando de fato presentes (além de ausentes fisicamente - o esvaziamento em nossos seminários tem sido alarmante -, são ausentes de espírito no que se fala), atuam de forma puramente consumista. Vão lá para receber acriticamente tudo o que aparece, não refletem, envolvem-se em argumentos inflamados, e relacionam-se com os expositores da mesma forma que o fazem com os mitos da TV. Em síntese, parece que a força dessa chamada "sociedade do espetáculo" conseguiu transformar tudo, até mesmo o debate sobre o sentido e a natureza da própria produção cultural, em valores de troca simbólica, meros meios para outros fins, inúteis no sentido do debate e da discussão.

Sente-se nitidamente, em colegas de diversas áreas o vício em comparecer por comparecer, continuando a representar esses papéis no teatro do absurdo de nossa indústria das idéias.

Por isso, tenho-me afastado igualmente de encontros científicos que, além do já exposto, não passam de turismo acadêmico, nos quais o que se passa nos corredores é mais importante do que nas mesas de debates.

Há muitos intelectuais e professores que estão literalmente à caça dessas oportunidades, pela satisfação de suas medíocres necessidades pequeno-burguesas de ter viagens e estadas pagas, e, não raro, atuar como "autoridades" na troca simbólica, também de natureza sexual, com suas admiradoras ou fãs de platéia...

De qualquer forma, existe uma corrente que me parece antagônica à verdadeira ética do pesquisador ou cientista social. Trata-se a "ciência" como algo separado da vida real, assim como, em outras áreas, trata-se a política, a pregação religiosa e tantas outras formas de práxis, de maneira absolutamente distinta do agir cotidiano e subjetivo. Esta tendência, pela qual os meios de comunicação subrepticamente subornam os intelectuais e que encontra sua realização no turismo acadêmico, é a do trabalho intelectual como puro valor de troca. Corresponde, em minha opinião, à lógica da mercadoria e do capital na economia política. A questão da reflexão de fundo, a discussão da essência dos fatos e dos objetos, a seriedade, em suma, do debate (o "valor de uso"), desaparecem.

Antonio Gramsci, na citação em epígrafe deste memorial, questionava-se se seria possível ligar-se à massa, amar uma coletividade sem ter amado ninguém, nem os próprios parentes, se não se amou profundamente as simples criaturas humanas. Ele perguntava se sua vida de militante e de revolucionário não havia se esterilizado, reduzindo-se a um puro fato intelectual, a um cálculo matemático.

É numa carta à sua amada em Moscou que o teórico marxista segreda suas preocupações existenciais. Não estaria aí o próprio Gramsci localizando nele mesmo essa dualidade, que destaquei anteriormente? Não se trata da mesma trágica constatação? Amar uma coletividade é possível a quem não ama ninguém mais próximo? Não é

isso, de fato, um mero exercício intelectual de abstração? E o que representa isso, senão a "realização" do trabalho com as massas apenas pela dimensão simbólica?

Parece-me que a natureza da sua preocupação é a mesma da minha. A esterilidade, a redução dos temas sociais a puras fórmulas matemáticas, além de ser uma forma de defesa dos sujeitos, para não se auto-questionarem e não entrarem em crise e angústia existencial, é um mecanismo socialmente promovido. Intelectuais tornam-se estêreis pelo volume, pela quantidade, pela insistência em ir aos jornais e às televisões, aos congressos e às mais longínquas localidades, somente pelo gosto de poder aparecer mais. E o "amor às simples criaturas humanas", de que fala Gramsci, a relação subjetiva com seu trabalho, com seu meio, com sua participação numa sociedade desaparecem.

Por esses e outros motivos, tenho pouco a apresentar em termos de participação em congressos e viagens. Intencionalmente, recusei diversos convites e recusarei cada vez mais, escolhendo apenas os que de fato possam representar algo de produtivo no terreno intelectual. Também em relação à imprensa, penso em atuar no sentido mais discreto possível, pois sei que, pela sua própria atividade, os jornalistas necessitam do trabalho científico e não o inverso.

Pretendo, também, refletir mais sobre o sentido da produção e publicação dos chamados livretos "paradidáticos", em linguagem simples e não-acadêmica. Incomoda-me a filosofia do "texto simplificado", pois isto tende ao nivelamento por baixo da indústria editorial e à inevitável perda de seriedade. Por outro lado, a perspectiva oposta de publicar apenas livros para uma elite intelectual, que no Brasil, infelizmente, mal consegue digerir os volumes da coleção Primeiros Passos, é um pouco como pregar no deserto. Nas obras dessa natureza que publiquei, tentei manter a seriedade de tratamento dos temas entrando, obviamente, em conflito com o caráter

simplificado que se pretendia dos textos. Não sei em que medida essa ambigüidade é sustentável. Na ponderação entre o texto leve e a rigurosidade de idéias, a balança não tenderá, certamente, ao primeiro.

Em 1986, tive oportunidade de publicar cinco obras. No primeiro semestre saiu o livro O capital da notícia. Jornalismo como produção social da segunda natureza (Ática), que incluiu a maior parte do texto da tese de livre docência e diversos artigos sobre jornalismo saídos em 1985 na coluna "Imprensa" do jornal Leia. Também na mesma época, saiu a antologia de Dieter Prokop, na Coleção Grandes Cientistas Sociais da Ática, lançada junto com o livro anterior no Simpósio Fascinação e Tédio na Comunicação.

O livro de Prokop é, sem dúvida, um marco nos estudos de comunicação no Brasil. Ele atualiza a pesquisa com novos textos do pesquisador alemão e altera substancialmente a tendência que estava sendo seguida no Brasil dentro da área, que era a de discutir comunicações sob a ótica da dominação internacional, do resgate da cultura popular ou de uma saída latino-americana para os problemas da comunicação.

Prokop recupera a seriedade e a profundidade na área, ao reintroduzir a discussão sob a ótica da economia política (relação de troca, produto cultural como mercadoria), ao questionar a semiologia e sua insuficiência analítica, e ao introduzir uma nova corrente da psicanálise da comunicação, a de Alfred Lorenzer.

No segundo semestre, saíram outros três livros: dois paradidáticos (O que todo cidadão precisa saber sobre violência de massas no Brasil, Global, e Violência política (Moderna)), e uma coletânea de textos meus: Quem manipula quem? Poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil (Vozes).

Os dois primeiros livros, como o próprio nome diz, tratam da questão da violência. Com eles, tento reatar uma preocupação que havia iniciado a pesquisar na tese de doutoramento, quando estudei o nazismo, e que pretendo dar

continuidade com o estudo do sadismo e das formas de violência declarada ou encoberta na sociedade moderna. Não é um tema associado ao da comunicação, que foi minha preocupação pelo menos nos últimos cinco anos. É uma pesquisa que pretendo ampliar com o estudo de outros temas, especialmente o do uso da violência no terreno da política.

Futuramente, sinto que minha investigação teórica e de pesquisa irá caminhar para o campo da metapsicologia de massas, por meio da qual trabalharei basicamente a questão do imaginário e das fantasias das massas e dos poderes e a relação de ambos com a violência e a sexualidade na cultura.

Constatei, também, que o terreno da chamada "ciência" da comunicação é muito restrito e, na verdade, constituiu-se em apenas uma dimensão de processos maiores que só são apreensíveis por outras ciências (Sociologia, Psicanálise, Lingüística, Economia Política).

No livro Quem manipula quem?, publico 12 ensaios, quase todos já saídos em publicações especializadas como artigos. Os mais importantes são: "A telenovela e a lógica do capital" e (este inédito) "Dominação sexual, mercadoria e castração na cultura em massa".

O ensaio sobre a telenovela tenta introduzir uma nova leitura desse gênero de produto da comunicação, abandonando os antigos clichês sobre o assunto. Tento, não partindo da mensagem explicativa mas das estruturas interiores da linguagem da telenovela, descobrir as formas ideológicas básicas. Não me interessa o que o personagem da telenovela diz, mas, diferentemente, como "passa" a ideologia por meio das estruturas inconscientes de produção.

O outro ensaio é uma proposta de investigar as formas de erotismo industrializado, veiculado pela televisão no carnaval, na publicidade, nas revistas eróticas, por meio da categoria castração, que me parece central na formação do psiquismo masculino e feminino, e que consegue criar o elo de ligação entre uma necessidade psíquica e a ação de uma poderosa indús-

tria de promoção (comercial) do erotismo. A tese defendida neste ensaio é a de que o erotismo da televisão, revistas e cinema é dessexualizante, inibe o desenvolvimento da relação entre os sexos e favorece o homossexualismo e o distanciamento dos parceiros heterossexuais.

Além dos mencionados, ainda produzi alguns artigos para revistas especializadas. Na Comunicação e Artes publiquei "Ideologia são as práticas cotidianas", "13 teses (provocativas) sobre luta de classes, história e imaginário", "Shopping center, o LSD da classe média", "Comunicação de massa, em massa e para massas: pela exatidão de um conceito". Nos Cadernos de Jornalismo, onde havia publicado em 1984 "Imprensa liberal e sensacionalista", saiu, em 1986, o texto "O marketing jornalístico". A revista Lua nova publicou "Alternativos: pé no chão e dinheiro no bolso".

Editei, em 1985, os números 14 e 15 da revista Comunicações e Artes e, em 1986, os números 16, 17 e 18. Sou membro do conselho editorial da revista Comunicação e Sociedade, da Editora Argonave e dos órgãos laboratoriais da Faculdade de Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior. Dei entrevistas à revista Arquitetura e Urbanismo e ao jornal Corriere de la sera, edição brasileira.

Com isso, encerro a parte relativa à produção científica, a mais volumosa e densa deste memorial. Ela sintetizou as tendências mais importantes do que foi produzido, especialmente a partir de 1985. É, sem dúvida, uma produção "a caminho de". Não creio que vou ficar por aqui, nem que me mantenha nas posições e nas constatações assentadas até o presente momento. Assim, como na vida intelectual progressa realizei diversas "revoluções teóricas", creio que ainda tenho muitas a fazer, mantendo, seguramente, o substantivo, aquilo que se comprovou como sólido em todas as pesquisas e reflexões teóricas.

Acredito que o trabalhador intelectual ao mesmo tempo que deve estar sempre aberto a críticas e renovações, há de não desprezar as raízes estruturais que consolidam seus fundamentos. Há autores cuja obra de juventude é mais importante que a de maturidade (Lukács, Reich), outros que são na maturidade puderam se livrar dos vícios anteriores, apresentando um modelo mais puro (Marx). Há aqueles ainda que na maturidade, quer pela dispersão ocasionada pela submissão à indústria da comunicação (Eco), quer pela perda de perspectiva política (Adorno, Marcuse), tornaram-se ingênuos ou românticos.

As viradas intelectuais de maturidade são sérias. Creio que, no Brasil, os trabalhadores do intelecto, geralmente, mais se resignaram às suas posições originais, passando a ser meros repetidores de si mesmos, em vez de se revitalizarem para dar conta das novas exigências da sociedade e de cultura. Esse desafio vale para todos nós.

5. Fabricações de cabeças

A prática de ensino iniciou-se em 1968. Os 18 anos que separam o início da docência de hoje são marcados por transformações substanciais no estilo de aula, no conteúdo e no espírito da relação professor-aluno.

É bem verdade que as primeiras experiências com alunos não foram de nível universitário. Isso, contudo, não me pareceu negativo; ao contrário, introduzem-me em um mundo no qual pude vivenciar outras relações de ensino. Minhas aulas de 1968, ano em que ingressei na USP como aluno, eram dadas em um pequeno curso de madureza, no Bom Retiro. Dessa experiência primeira, veio o convite para atuar em um curso maior, já articulado em moldes empresariais, com sedes na Vila Maria e no Pari.

A atividade, entretanto, não me permitia grandes inovações ou experiências didáticas. Os cursos de madureza funcionavam - e creio que ainda o fazem - em escala de produção industrial: as classes são grandes, o ritmo do curso e do desenvolvimento do programa é rápido e o caráter do ensino é, por definição, factual-informativo. Parece-me que essa "indústria" põe em relevo a questão da mercantilização do ensino. Enquanto a escola pública prima pelo esvaziamento, pelo nivelamento por baixo, tanto em termos de corpo docente como de conteúdo, pela decadência generalizada motivada em grande parte por baixos salários, tornando-se o espaço da proletarização do ensino, a escola supletiva funciona como pólo oposto: é o território da mais flagrante comercialização das "informações escolares". O espírito é o mesmo dos cursinhos para a prestação de concursos públicos, nos quais o que interessa é o bombardeamento informativo superficial.

Atuei neste setor até 1972, quando era sócio do Curso Lema, na Vila Sabrina, em São Paulo. A instituição que eu co-geria funcionava nesses padrões. O que lá fazíamos não se distinguia em nada do que os demais faziam. Parece-me

que, por sua própria natureza, essas escolas supletivas atuam dentro da lógica industrial, sendo, de fato, em virtude das exigências do mercado e dos prazos periódicos para exame, impossível atuar de outra maneira.

Por meio do contato com esses estudantes, embora não pudesse ter desenvolvido em quase nada minhas técnicas de aula e práticas de ensino, pude, por outro lado, conhecer em maior grau a realidade dos bairros periféricos e proletários de São Paulo. Não se tratava, é claro, de nenhum tipo de contato no sentido da pregação clássica dos partidos de esquerda tradicionais, de "conhecer suas realidades e contradições" ou coisa que o valha. Foi-me enriquecedor questionar o discurso socialista corrente nos cursos universitários e os apelos da época - em função de uma maior aproximação com o "proletariado" -, em comparação com o que o de fato essa faixa da sociedade pensava e como agia. Por mais superficial que tivesse sido minha relação com esse contingente de pessoas e por mais diluída que tivesse sido a minha comunicação, ela serviu para desmistificar, já naquela época, os conceitos idealistas que se construía sobre os condenados desta terra.

Em 1973, iniciei a docência superior, inicialmente na cidade de Santos, onde atuei anteriormente como pesquisador e depois, em função disso, como professor de Sociologia, de Pesquisa e Opinião Pública e Mercadologia e de Estatística.

Em 1973, havia sido contratado pelo Departamento de Relações Públicas da ECA, mas, no ano seguinte, saía meu contrato pelo Departamento de Jornalismo.

Desde formado (1972), não encontrei facilidade em dar aulas no Departamento de Jornalismo da ECA. O departamento precisava de docentes novos e foram feitos convites a diversos recém-formados, e não a mim. Não foi por coincidência. Em 1974, o departamento passou a ser chefiado por Walter Sampaio, um homem que politicamente não se sintonizava com a resistência ao regime, mas que na prática profissional não

fazia discriminações ideológicas a seus colaboradores. Em sua gestão, pude ingressar no departamento, rompendo um "bloqueio branco" criado anteriormente em torno do meu nome.

Na época, o diretor da ECA era Manuel Nunes Dias, conhecido como "homem dos militares" e a ECA passou em suas mãos por um período de estagnação total. O Departamento de Jornalismo perdeu nessa época seu antigo chefe, cassado por Nunes Dias, e Walter Sampaio também abandonou a chefia, em 1975, por força de outro episódio político: a perseguição ao professor Sinval Medina, que acabou se demitindo, sendo acompanhado em seu ato pelo professor Sampaio. Em concordância com a direção da ECA na época, assumiu o departamento a professora Helda Bullotta Barracco, posteriormente desligada da USP por meio de um processo administrativo, corrido no final dos anos 70.

Sob esse clima, minha experiência didático-universitária antes de 1980 foi, naturalmente, muito pobre. Além do clima geral de perseguições e delações políticas, de 1970 a 1975, havia o ambiente miúdo e traiçoeiro das pequenas intrigas e armadilhas no ambiente de trabalho. Todos os que aqui viveram nesse período hão de lembrar que pouco ou nada se podia fazer em termos inovadores e transformadores na atividade do ensino. Lecionei nessa época (1974-1975), junto ao Departamento de Jornalismo, a disciplina Jornalismo Comparado.

Chefiei, também, o Centro de Pesquisas em Comunicação, criado em 1975.

Em fins deste mesmo ano, Wladimir Herzog, que lecionava no mesmo departamento que eu, foi assassinado no DOI-CODI. Não havia, de fato, clima para coisa alguma e eu via com alívio a perspectiva de ir-me embora do país (se é que eu iria consegui-lo, antes que a repressão me batesse à porta, como se temia na época).

De volta ao Brasil, terror desaparecido, pude, agora sim, atuar livremente na área didática. Iniciei por retomar os cursos em Santos, que me pagavam melhor do que a USP, e eram o espaço de maior interesse na época.

Em 1981, a Faculdade de Comunicação de Santos havia se transformado inteiramente, em função dos novos tempos e da "luz no fim do túnel". Havia lá bons professores, gente com a mesma experiência que eu, que havia se ausentado do país nos anos negros, e senti que, de fato, poder-se-ia soltar, liberar tudo aquilo que estava represado em termos de atividade intelectual e de ensino: a orientação crítica.

Iniciei cursos de Sociologia, Sociologia do Jornalismo e Comunicação Comparada. Em aula, sentia que havia nos alunos um grande interesse em "trabalhar" os anos anteriores, em compreendê-los, e de forma nenhuma se confirmou aquilo dito na época, que a geração era a dos "filhos da ditadura". É evidente que o público havia mudado substancialmente. Em lugar dos sisudos estudantes do período anterior, que falavam em derrubar o regime, faziam passeatas-monstro e ocupações de escolas, tínhamos agora uma população de interessados e preocupados com o período crítico. É certo que esse alunado do início dos anos 80, que vivenciou a luta pela Abertura, também se transformou. Na metade da década, ele já havia sido substituído por um outro contigente, mais desinteressado, "alienado" e agressivo.

Os estudantes de hoje culpam, acima de tudo, a esquerda, pela miséria e pelo marasmo políticos do presente. Embora o movimento seja um processo internacional, a falta de perspectiva política de nossa juventude, o desinteresse, o niilismo estão relacionados certamente, ao anacronismo das instituições (inclusive dos partidos de oposições), à falta de seriedade na política e à ausência de um lastro político-ideológico nos nossos movimentos sociais, que se esvaziaram tão rapidamente como começaram.

Em 1981, reiniciei na ECA-USP a atividade de ensino, agora a nível de pós-graduação. Esta atividade foi, de longe, a que mais me recompensou. Comecei em 1982, com o curso Contra-comunicação, cultura e crise hegemônica, debatendo o objeto de minha pesquisa de doutoramento, defendida no ano anterior. Nele inseri di-

versos textos alemães inéditos, que havia traduzido especialmente para isso, e o curso teve um relativo sucesso. Nesse mesmo ano, iniciei a docência no mestrado em comunicação social, do Instituto Metodista de Ensino Superior (IMS), em São Bernardo do Campo, ministrando a disciplina Políticas de Comunicação. Nessa mesma instituição, atuei como docente de graduação, ministrando disciplinas técnicas de jornalismo.

Os cursos de pós-graduação começaram a chamar mais público a partir de 1983. Neste ano eu havia dado um curso de um semestre no Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no qual desenvolvi uma disciplina semelhante à da Contracomunicação, ou seja, ainda sobre o objeto de minha tese de doutoramento. Na ECA-USP, parti para outro tema, o da ideologia, no curso Teorias sobre a ideologia. Fetichismo e alienação na indústria de consciência.

Este curso, ministrado pela primeira vez em 1983, e repetido em 1984, foi, sem sombra de dúvida, o melhor curso que já ministrei. O critério foi o da "resposta" do alunado. O objetivo era discutir o conceito de ideologia. Para estruturá-lo, baseei-me em uma publicação alemã, a revista de debates teóricos Das Argument, que havia publicado na Alemanha Federal (Berlim) um debate sobre o tema, denominado "Teorias sobre a ideologia". Em cerca de 10 capítulos, passava-se por todas as correntes que já haviam se debruçado sobre o tema. A limitação da publicação é que ela permanecia dentro de uma postura ortodoxa, isto é, só considerando ideológico aquilo que estava vinculado às práticas políticas. Meu curso procurou superar essa deficiência, comparando os debates alemães com autores franceses modernos, e abrindo o conceito de ideologia para a discussão da alienação (e seus correlatos: o fetichismo e coisificação). O sucesso que atribuí ao curso foi sentido em dois planos: em primeiro lugar, os alunos envolveram-se de tal forma na discussão, que não admitiram a idéia de terminarmos em junho. Exigiram a continuação dos de-

bates no segundo semestre. Isso me exigiu o dobramento do curso em duas unidades diferentes.

Em segundo lugar, senti um fato surpreendente: a mudança progressiva de concepções estruturadas em alguns alunos e a abertura para novas idéias. Estudantes que nas primeiras aulas demonstravam uma tendência dogmática relativamente austera, foram demonstrando, durante o curso, o início de uma fragilidade, perceptível tanto nos seminários e discussões quanto nos relatórios de leitura. O despreparo de alguns alunos em relação ao questionamento de posturas fortemente arraigadas, a exigência do debate, se num primeiro momento conseguiram desarmá-los e fazê-los ver que seus conhecimentos eram parciais e provisórios, num segundo os renovou, revitalizando-os no que se refere à aceitação de novas idéias e da reformulação geral de pressupostos.

Na graduação, não tive o mesmo êxito. Na ECA-USP, ministrei, de 1981 a 1984, disciplinas como Política, Ideologia e Jornalismo, Teoria do Jornalismo e Jornalismo Comunitário.

Tive muita dificuldade em me entrosar com esses alunos, por deficiência minha em relação a forma de proceder diante da classe.

Em 1973, havia recebido de uma aluna uma carta de duas páginas, criticando-me o estilo de aula. Ela me chamava de arrogante, presunçoso, e, em outras palavras, de incompetente para o ensino. Meu caráter blindado da época não lhe deu maior importância, racionalizando, explicando a mim mesmo se tratar "apenas de uma aluna". Hoje, sinto que não só procedi erradamente, ignorando a crítica, como de fato deveria ser um péssimo professor. Na Alemanha, em 1976, pouco tempo, portanto, após esse incidente, fui obrigado a viver indiretamente o sofrimento do aluno.

O Instituto Goethe de ensino de língua para estudantes estrangeiros é reconhecidamente uma instituição cujos métodos de ensino, em muitos casos, não são os mais modernos, e as técnicas de relacionamento com alunos adultos deixam a desejar. Sofri durante um semestre inteiro nas

mãos de uma professora deste instituto, a Sra. Sticken, que, atuando ao estilo "régua na mão" (para dar na cabeça do primeiro infeliz que falasse errado a lição), aterrorizava não só a mim, mas a toda classe. De repente, homens maduros, técnicos ou especialistas de várias partes do mundo voltaram ao jardim da infância, nas mãos daquela ameaçadora senhora. Um método sui generis de regressão psicanalítica...

Esse trauma fez-me, então, repensar minha prática de ensino (de fato, acabou tendo um "efeito pedagógico"...). Acreditei que precisava me despir das defesas e dos métodos de distanciamento, e me aproximar mais das classes.

Nos primeiros anos após meu retorno, tentei de diversas formas avaliar meu desempenho. Criei um formulário anônimo que distribuía a todos os alunos em fim de curso, para que eles respondessem, da forma mais natural e espontânea possível, tudo o que achavam de bom e de mau no meu curso. O instrumento foi-me útil, embora somente em 1986 tenha recuperado a comunicação plena com o aluno dentro do padrão que me parece ideal, com classes cheias, interesse, participação nas discussões e empenho no fazer as atividades programadas.

A procura, mesmo após o curso ter terminado, a busca de orientação (na graduação e na pós-graduação), mesmo em situações nas quais eu não era mais professor (ou orientador do aluno), pedidos de formados ou formandos para assistirem aulas de pós-graduação e convites para entrevistas nos órgãos jornalísticos nos quais os alunos passaram a atuar, são alguns indicadores da melhoria de minha relação com eles.

No Instituto Metodista, ministrei, como pós-graduação, cursos como de Comunicação alternativa, Análise de conteúdo de comunicação, O real e o imaginário na comunicação. Na ECA-USP, renovei a oferta em 1985, ministrando no primeiro semestre O Estado capitalista, classes sociais e imprensa, I: o jornal liberal (estudo d'O Estado de S. Paulo) e, no segundo, O discurso fascista: ideologia e propaganda política. No ano de 1986, introduzi novos cursos na ECA-USP:

O produto cultural no capitalismo avançado e As massas modernas: cultura e ação política no capitalismo. Para 1987, introduzirei o curso Psicanálise da comunicação, já aprovado e relacionado entre as disciplinas oficiais.

Em São Bernardo do Campo, alterei, igualmente, minha atividade em pós-graduação, ministrando em 1986 A linguagem da TV e Metodologia de pesquisa qualitativa em comunicação. Em Santos, onde não há cursos de regulamentados de pós-graduação, organizei e realizei em 1984 e 1985, um curso de 360 horas lato sensu (Usos e abusos dos meios de comunicação) dentro do qual desenvolvi seis módulos: módulo 3 Cultura popular e sociedade industrial; módulo 4 Comunicação e sociedade; módulo 7 A dimensão política: o controle dos meios; módulo 9 Discursos políticos expressos e latentes; módulo 10 Psicologia de massas e comunicação e módulo 11 A dimensão psicanalítica da transmissão cultural em massa.

Ao lado dessas atividades, desenvolvi, de 1981 a 1986, diversas atividades burocrático-administrativas, direta ou indiretamente ligadas ao ensino: fui membro de colegiados, de conselhos departamentais e de bancas de eleições de docentes.

A partir de uma visão crítica e panorâmica de toda minha atividade letiva, cheguei, há cerca de dois anos, a algumas constatações dentro da reflexão sobre o papel do professor no ensino universitário atual. Há algum tempo incomoda-me o problema da dispersão dos alunos, da crise da aula expositiva, da falta de entusiasmo dos estudantes. Chama a atenção, por um lado, que eles preferam praticar do que refletir; a sedução do trabalho prático, da "produção de algo", atrai muito mais, em vista da ansiedade que é cultivada não só na escola, mas em toda a cultura. Promove-se o gosto pelo desfrute imediato e superficial, e as discussões sobre o sentido das ações e dos programas vão ficando cada vez mais relegadas a segundo plano.

A meu ver, esse tipo de relação consumista com a criação científica ou cultural, vem associada a outro problema: a dispersão do alu-

nado, quando se trata de acompanhar desenvolvimentos teóricos ou reflexivos. Senti, ao constatar esses problemas em aula, que a causa central estaria na nova prática instituída pelos sujeitos, a partir do hábito de assistirem televisão de forma maciça.

A televisão estaria instituindo uma nova relação de participação dos sujeitos no social. O meio eletrônico é, por sua própria natureza, unilateral, só permite uma via. O mais sério, na minha opinião, é o problema do hábito que se institui pelo consumo da forma televisão: a linguagem do vídeo reeduca o receptor para uma relação não-participativa, e, principalmente, consumista, no sentido de este receber ininterruptamente imagens atraentes, umas após outras. A lógica é compreensível: para ganhar a atenção de um indivíduo que trabalhou durante um dia inteiro, está exausto e pode adormecer ou mudar de estação, é preciso "segurá-lo" com uma programação ágil, rápida, "sedutora", carregada de atrativos sexuais, curiosos, exóticos.

É preciso muita ação, muita rapidez, muita variedade. Essa alternância alucinante, ao estilo de Koyaniskatsi, acostuma o receptor à linguagem da TV, ao mesmo tempo que o desacostuma às outras linguagens sociais: fica logo depressivo diante de um sermão, de uma aula, de um discurso político.

Em vista dessa problemática, procurei trabalhar mais a fundo as dificuldades do professor em aula, no interesse de recuperar seus alunos. Parece-me que o recurso a técnicas que envolvam mais atividade (não no sentido consumista apontado), poderia trazer o aluno de volta à disciplina. Cheguei a propor e obter a aprovação para a elaboração e edição de um texto paradigmático denominado A televisão e o professor. A concorrência desleal, que elaboraria em 1987. Minha experiência didática tem revelado que a aula expositiva ou a discussão de temas relevantes não é impossível, à medida que elas possam ser intercaladas com outras atividades e que se aproveitem também recursos visuais, sonoros,

fílmicos ou televisionados. É bom que não sejam excessivamente longas.

Creio que os professores universitários deveriam se preocupar não apenas com a qualidade do ensino, mas também com a inovação formal de suas disciplinas, considerando o alto grau de dispersão a que as pessoas foram acostumadas, e a necessidade de trabalhar com essa nova realidade.

6. Jogos de alvos e artilheiros

Entendo que as atividades de formação e orientação de discípulos tenham sido parcialmente tratadas no capítulo anterior. Poderia, então, nesta parte, complementá-las, apontando as atividades de orientação acadêmica (31 alunos, de 1981 até a presente data) e a participação em bancas. De qualquer forma, nunca será uma seção muito rica, já que deverei expor a pesquisa de alunos e orientandos e não poderei ser submetido a julgamento por opções feitas por terceiros.

Dividirei a exposição sobre a orientação de discípulos em três partes, a saber, de graduandos (TCC), de mestrandos e de doutorandos. Acompanhei o trabalho de sete alunos em formação universitária e tenho atualmente outros 24 trabalhando suas teses de pós-graduação, em diferentes fases de elaboração.

O leitor poderá saltar esta descrição, se apenas tiver interesse em conhecer as reflexões sobre o ato de orientar alunos, obtidas após estes anos de experiência universitária.

Foram orientados em seus trabalhos de conclusão de curso os seguintes alunos, todos da Faculdade de Comunicação de Santos:

José Alberto Pereira preocupou-se em discutir o "conceito de notícia". Acompanhei-o pela literatura especializada na área, encontrando pouco ou quase nada a respeito. Não foram satisfatórias as explicações (vindas da teoria norte-americana do jornalismo), tendendo geralmente a simplismos, superficialidades ou tautologismos.

Wilson Roberto Vieira Ferreira apresentou-me, como trabalho de conclusão de curso, um texto de 140 laudas sobre "O mito no discurso jornalístico". O trabalho demonstrou um nível teórico excepcional e eu não hesitaria em aprová-lo como tese de mestrado. O modo de abordagem foi semiológico e a orientação do estudo foi através da análise das manchetes de jornais. Propus à Editora Kairós a publicação do texto.

Paulo César Fernandes trabalhou com o tema "Rádio: um espaço também alternativo". A pesquisa voltou-se a uma antiga preocupação minha (da tese de doutoramento), ligada à possibilidade da comunicação alternativa. O produto final do aluno foi fraco.

Cleinaldo Simões Gomes buscou analisar a "Ambigüidade dos grandes jornais diante dos grandes temas". Preocupou-se em estudar a Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, especialmente no tratamento que eles deram à ocupação da fazenda do IAPAS, realizada por populares no início dos anos 80. O resultado do trabalho foi médio.

Domingos Messias de Abreu trabalhou com os "Elementos hegemônicos e contra-hegemônicos no jornal sindical". Pesquisa modesta e sem resultados teóricos maiores, valeu apenas para a aprovação do candidato.

Eugênio Rondini Trivinho escolheu como tema "Alienação e ideologia no jornalismo". Munido de um complicado aparato teórico, o aluno buscou localizar e confirmar a categoria da alienação na prática do jornalismo no plano teórico. Apesar de suas quase 120 laudas de texto denso, o trabalho ficou aquém do esperado, em função da própria dificuldade do aluno de ver o problema com clareza e proceder a um "ênxugamento" estilístico do trabalho.

Luciene Padron Alves trabalhou com o tema "Jornalismo sensacionalista", apresentando um resultado regular em sua pesquisa, que pouco acrescentou ao que já se conhece sobre o assunto.

Vinte e dois orientandos no mestrado foram ou estão sendo por mim acompanhados na USP ou no Instituto Metodista de São Bernardo do Campo. Maria Cecília de Sá Porto (ECA-USP) trabalhou com a introdução de inovações culturais e políticas por meio do boletim sindical no meio rural. Através do estudo de uma comunidade litorânea da Baixada Santista, a pesquisadora pretende chegar ao conflito da introdução de novos valores e conceitos com o universo antropológico da comunidade. Arminda Sílvia Dias (IMS) traba-

lha com a análise do cinema brasileiro na década de 70 e busca, particularmente, investigar como e por que o Cinema Novo perdeu terreno para a pornochanchada na produção nacional. Wagner Gardengui (IMS) investiga em profundidade a influência da televisão na educação das crianças. Celeste Maria de Abreu (IMS), em sua pesquisa sobre jornal como transmissão de papéis sociais, debruça-se sobre as histórias em quadrinhos infantis, para apreender em que medida estas alteraram o quadro referencial de valores da criança. Antonio David Protti (IMS) realizou um amplo trabalho em Ribeirão Preto, junto a populações marginalizadas, com o intuito de mensurar os efeitos da prática da fotografia sobre elas. Sua pesquisa preocupa-se em captar tanto a "relação semântica" do discurso fotográfico dos retratos domiciliares, quanto a influência da prática fotográfica sobre a práxis profissional fotografada. Arim Soares do Bem (ECA-USP) analisa o comportamento e as mudanças sócio-ideológicas das empregadas domésticas de regiões na periferia de São Paulo diante da recepção das telenovelas. Dainis Karepovs (ECA-USP) trabalha com a reação da imprensa trotskista no Brasil ao início do fascismo. Eduardo Franco de Almeida (IMS) ocupa-se com o estudo dos meios de comunicação como aparelhos de difusão e de sedimentação ideológica. Lívia Álvares Pedreira (IMS) investiga a audiência dos telejornais pelas mulheres e a repercussão de seus efeitos dentro deste universo social específico. Roberto Dupré Mattar (IMS), iniciou sua orientação acadêmica comigo preocupado com a sexualidade na televisão. Seu projeto de tese denomina-se "Aperte o botão e ligue-se numa loira". Robson Bastos da Silva (IMS) está presentemente trabalhando a análise comparativa (ideológica) entre os personagens de Walt Disney e de Maurício de Souza. A Wilson Roberto Vieira Ferreira (ECA-USP) interessa a discussão da moda como mercadoria simbólica, entendendo sob esse conceito não apenas o sentido têxtil do mesmo, mas também o genérico, aplicável à política, aos intelectualismos etc. Bruno Fuser (ECA-USP) está interessado em investigar a luta de classes no

interior de uma redação de jornal. Paulo César Fernandes (ECA-USP) envolve-se em sua pesquisa com as rádios esquerdistas da América Central, buscando investigar sua atuação e força política, dentro do tema "Rádio e mobilização ideológica". Roberto Elíseo dos Santos (IMS) pesquisou o populismo nos anos 50, investigando como núcleo empírico a TV Record dessa época. Katy Nassar (IMS) estuda a imprensa de bairro, desenvolvendo uma investigação sobre a Gazeta da Zona Leste, jornal de ampla difusão no bairro, e as relações políticas desenvolvidas entre o órgão e a comunidade, atuando como seu porta-voz e defensor. Margarete Vieira Pedro (IMS) desenvolve uma pesquisa ampla sobre a imprensa anarquista no Brasil, em especial a atuação de Edgar Leuenroth nela. Eurípides de S. Dourado Filho (IMS) pesquisa as relações entre a maçonaria e a Igreja no Piauí, no período de 1880-1920, através do estudo histórico da origem da imprensa naquele Estado. Flora Lovato (IMS) analisa a recepção do programa feminino da TV Globo que vai ao ar todas as tardes. Maria Lúcia Batezat Duarte (ECA-USP) trabalha com a afetividade nos comerciais de televisão e sua relação com a ideologia e as fantasias dos receptores.

Na Universidade de São Paulo, além dos já mencionados, trabalho também com dois orientandos-herança de outros orientadores: José Mário de Souza, que estuda o declínio do jornalismo impresso de Ribeirão Preto após o aparecimento da retransmissora da TV Globo naquela cidade e Célia de Lourdes Amaral de Almeida, preocupada com o estudo do fenômeno "massas" e o aspecto jornalístico da insurreição de Canudos, relatada por Euclides da Cunha.

Ocupo-me, além disso, com dois orientandos em nível de doutoramento: Eron Brum e Gisela Swetlana Ortriwano. Eron já está em fase bastante adiantada na sua pesquisa sobre o jornalismo e sua influência no resultado das eleições. Gisela estuda, sob o tema "Televisão e solidão", os efeitos e a importância da televisão no psiquismo e no isolamento dos receptores.

É evidente, como é do conhecimento e da experiência dos orientadores em geral, que nem todos os alunos que apareceram uma ou duas vezes para orientação permanecem em suas pesquisas. Se relacionei 24 orientandos, isso não significa que em cada semestre esteja seguindo passo a passo o trabalho de cada um. Além de se encontrarem em fases diferentes na produção das teses (uns necessitam mais orientação, outros menos), alguns demonstram claramente terem desistido.

Poderia, para efeito de não faltar com a verdade, relacionar aqueles que desistiram (sem que tenham formalizado o ato) e aqueles que não o fizeram.

Neste último grupo, gostaria de relacionar, por sua vez, aqueles que estão relativamente estacionados (embora em uma época estivessem bastante ocupados) e os que efetivamente estão produzindo. Ao primeiro grupo, o dos que já desistiram, pertencem: Arminda, Wagner, Celeste, Eduardo, Livia e Roberto Dupré. Ao segundo (pesquisa momentaneamente paralisada), fazem parte: Maria Cecília, Wilson, Bruno, Flora, José Mário e Gisela. Os ativos, de fato, são os seguintes: Antonio David, Arim, Dainis, Robson, Paulo César, Roberto Elíseo, Katy, Margarete, Eurípides, Maria Lúcia, Célia e Eron.

Dedico regularmente uma hora de orientação por aluno. Dependendo dos casos, dou um semestre de orientações semanais ou quinzenais, acompanhando-os especialmente nos momentos mais decisivos da realização de suas teses. Recebi, especialmente no IMS, muitos alunos-herança, em virtude da saída de diversos professores da pós-graduação em 1984. Em nenhum dos casos, porém, foi aceito qualquer aluno, em cuja proposta de trabalho eu não tivesse interesse. Ocorreu também, com frequência, que alunos de outros orientadores tenham a mim se dirigido para realizar um acompanhamento paralelo de suas pesquisas. É conhecido o fato de que os orientadores na USP orientam muito pouco. Grandes contingentes de mestrandos e doutorandos ficam relegados ao trabalho isolado, sem acompanhamento ou orientação,

seja porque o orientador não tem tempo ou interesse, seja porque não possui, de fato, intimidade com o tema do aluno. Em muitos casos, a relação de orientação reveste-se de tutela ou de meio de apadrinhamento político ou ideológico de alunos, realizando-se aí a troca de favores no estilo clientelista, muito comum na nossa política.

Vê-se, em algumas situações de defesa de tese, que o próprio orientador do candidato pouco sabe do trabalho de seu orientando, deixando-o, jogando-o mesmo calor da artilharia dos arguidores e tirando o corpo fora dos ataques. Comportam-se como burocratas das cerimônias de defesa, e em nada ajudam o candidato. É evidente que a orientação deveria encerrar muitos encontros com o candidato, um acompanhamento intensivo da produção do mesmo, para, inclusive, ter-se argumentação a favor na ocasião da defesa de tese.

Participei, entre 1983 e 1986, de algumas defesas de tese de mestrado, doutorado e livre docência. Atuei como membro de banca, também, no concurso de ingresso à carreira no Departamento de Jornalismo e no de Biblioteconomia e Documentação da ECA-USP.

Acredito que a formação e a orientação de discípulos, além de já estarem incluídas na parte relativa à atividade didática, fazem parte de todo o trabalho do docente desta universidade. Tenho exemplos de ex-alunos meus que hoje são docentes, orientandos ou autores de artigos ou textos em publicação.

Especialmente após 1981, tenho conseguido, em função da atividade didática e dos caminhos que através dela puderam ser abertos, que alunos que freqüentaram meus cursos tenham comigo permanecido, buscando outros cursos e se tornando colaboradores das aulas e discussões. Pelo fato de minhas disciplinas - em especial, as de pós-graduação - virem com uma nova proposta em matéria de pesquisa em teoria da comunicação (renovando na área, abrindo perspectivas, levantando novos problemas), alguns alunos ultrapassaram a situação de apenas freqüentadores do ci-

tado curso, para se tornarem alunos regulares das disciplinas seguintes, posteriormente criadas e dadas. Neste sentido, a formação atuou no plano mais genérico, difuso, de dar elementos para que o aluno não apenas fizesse um curso, mas que, a partir de seus elementos básicos, criasse novas propostas, desenvolvesse novas indicações.

Em março de 1986, quando dei início ao curso de pós-graduação O produto cultural no capitalismo avançado, havia cerca de 33 alunos na sala de aula, o que me fez ficar bastante preocupado, porque - não bastasse isso - outros ainda pediram autorização para permanecer na qualidade de ouvintes.

Se isso, por um lado, é lisonjeiro, no que tange à resposta acadêmica a um curso novo que estava sendo inaugurado naquela manhã, é, por outro, preocupante, pelo perigo de tender a um "curso de massa". Nessa primeira aula, procurei desestimular todos aqueles que ali haviam comparecido apenas "para fazer um curso a mais", e, mesmo assim, permaneceram 22 interessados até o final do curso. Em março de 1987, quando irei iniciar outro curso novo, o Psicanálise da comunicação, o perigo de classes-monstro poderá reaparecer nesta escola.

Parece-me, finalmente, que o orientador deve optar pela seleção qualitativa de seus alunos e orientandos e trabalhar intensamente apenas com aqueles julgados satisfatórios. Embora tenha rejeitado novos candidatos, nas situações em que isso é possível (no Instituto Metodista de São Bernardo, o orientador não pode rejeitar o candidato; há uma quota anual que necessariamente tem que ser absorvida pelo orientador, mesmo que se confirme, posteriormente, um índice de desistência), não consegui limitar-me a esse trabalho altamente seletivo que ainda parece demasiado elitista, mas que, de qualquer forma, comprova ser mais produtivo a longo prazo.

7. Escravos e missionários

Avaliar as atividades profissionais de docentes da USP, especialmente quando trabalham mais diretamente com a teoria, pode ser um exercício pouco justo. Que prática profissional, por exemplo, tem um professor de Filosofia? Sua prática confunde-se com a atividade didática; como professor ele é um profissional e pode sê-lo muito bom. Da mesma forma, um historiador, cuja atividade profissional confunde-se com a didática, e - se publica livros - com a produção científica.

Tenho a impressão que esses critérios, considerados em um concurso para professor titular, foram feitos para serem aplicados à generalidade dos docentes universitários, pois, particularmente nas áreas técnicas, a prática profissional significa, de fato, um elemento fundamental de avaliação de novos projetos, de submissão de novas descobertas à prova etc.

Em outros casos, porém, ter atividade profissional em pouco contribui para a melhoria da ciência. Em algumas situações extremas, nada poderão acrescentar, pois além de não haver mercado profissional (Filosofia), ainda poderão representar a subtração do tempo, necessariamente útil para leituras e reflexões na área.

Em Jornalismo, a prática é o exercício da profissão. A função da universidade, neste caso, deveria ser a de criar novas técnicas, exercitar novas linguagens, trabalhar por novos visuais, propor alterações na diagramação, na paginação dos periódicos. A filosofia que norteou os cursos de jornalismo na USP, entretanto, foi na direção oposta: a de formar mão-de-obra para abastecer o mercado. A instituição superior, aqui, igualou-se às escolas profissionais, cuja atribuição é exatamente essa. Desaparecendo o caráter científico, reduziu-se a universidade a um mero curso do Sesi, fazendo os alunos treinarem datilografia e textos curtos para serem rapidamente absorvidos pela imprensa.

A isso se acresce a legislação de 1969, tornando obrigatório o diploma de jornalismo para o exercício da profissão. Os cursos aumentaram, a capacidade docente manteve-se pequena e qualitativamente muito aquém das expectativas, e os novos profissionais ingressantes no mercado de trabalho pouco acrescentaram ao que já havia. Até hoje, a ECA-USP, na área de Jornalismo, tem essa função: abastecer o mercado. As duas outras áreas fundamentais, pesquisa e inovação, por um lado, e investigação teórica, por outro, continuaram como espaços marginalizados no curso. Freqüentemente, vê-se, em alunos do oitavo semestre, o sentimento de frustração por perceberem que o curso nada lhes acrescentou. De fato, voltado para a produção maciça de matérias, orientando todas as disciplinas para a multiplicidade produtiva, esta Escola tornou-se uma fábrica de textos e de profissionais, mais ou menos robotizados. No final do curso, então, o aluno sente que seu texto não é bom, que não participou de discussões relevantes, que não vai ter condições de acrescentar alguma coisa nova ao mercado de trabalho.

Há uma ideologia no curso de Jornalismo da ECA, que é a da produção em série (horizontalizada), como linha de montagem, segundo a qual interessa a rapidez e a agilidade em se fazer textos sintéticos, padronizados, "objetivos". A outra direção, a produção verticalizada, na qual o texto do aluno é analisado, estudado, re-trabalhado, não há. Tratam-se de duas visões de mundo opostas. Uma, mais próxima de toda cultura de massa atual, é a das atividades dinâmicas, ágeis, superficiais, em grande quantidade e que dão a impressão de alta produtividade e grande variedade. É a dimensão do "consumismo cultural". Outra, mais próxima das formas mais antigas de relação com a cultura, é a das atividades mais paradas, lentas, detalhistas, de interesse desapressado pela qualidade. Esta última veio sofrendo nos últimos anos um "esmagamento", em função da força com que este curso de Jornalismo - e outros tantos no Brasil - impõe a linha "profissionalista" e prática, derivada, na

maioria das vezes, de jornalistas profissionais que vêem o ensino apenas como um "bico" a mais.

O predomínio dos professores "práticos" deve-se também às próprias lacunas teóricas do curso. Por causa desses vazios, os docentes à disposição são somente aqueles que pouco sabem. Esta é uma das causas básicas da baixa qualidade dos cursos de Jornalismo e da pouca experimentação ou inovação na imprensa, resultantes de uma área crítica que deveria exatamente pesquisar novas formas.

A prática da profissão na área de Jornalismo, portanto, não é uma experiência enriquecedora da atividade docente. Quando muito, serve para indicar aos docentes que o modo de produção da notícia e da opinião continuam os mesmos. Além do mais, pelo fato de os produtos jornal, revista ou boletim serem socialmente difundidos, os docentes podem ter acesso ao objetivo de seus estudos mais facilmente do que outros pesquisadores.

Entretanto, apesar desses comentários críticos, minha atividade profissional não é nula. Trabalho paralelamente à docência e, por não ter RDIDP, pude sempre manter-me em contato com a prática profissional do jornalismo ou da pesquisa.

Até 1975, posso dizer que não trabalhei profissionalmente como jornalista. Ter feito free lancer vez por outra, editado uma revista estudantil, são fatos esparsos nesse tipo de atividade profissional. Certo é que nesse período eu me sustentava profissionalmente com as aulas mencionadas (cursos supletivos, faculdades particulares), e como pesquisador profissional. Na Secretaria da Educação, em 1973, no Centro de Pesquisas Aplicadas em Comunicação, de 1972 a 1975, e em muitas pequenas e rápidas pesquisas empíricas pude manter o necessário padrão de renda que me garantiu a realização do mestrado sem bolsa de estudos, vivendo às minhas próprias custas.

De 1976 a 1981, enquanto vivi na Alemanha Federal, tampouco desempenhei atividades profissionais regulares. Em primeiro lugar, por-

que era proibido. Em segundo, porque recebia a bolsa do governo alemão que, se não era suficiente, dava de forma justa para a nossa sobrevivência (eu e minha esposa). Excepcionalmente, realizei trabalhos remunerados de intérprete para firmas alemãs ou para a Feira do Livro de Frankfurt.

A partir de 1982, comecei a atuar mais especialmente junto à imprensa. Nesse ano, iniciei uma coluna regular de resenhas de livros na revista Briefing. Essa atividade, contudo, não se estendeu, em vista da mudança editorial do periódico.

Entre 1983 e 1984, fiz alguns free lancers para jornais e revistas. Vendi uma grande matéria que havia feito na Alemanha Federal, em 1984, à Folha de S. Paulo, e, dos dados da mesma viagem, vendi também matérias para o jornal Leia e a revista Lua Nova. Profissionalmente, publiquei também nas revistas Crítica da Informação e Educação e Sociedade.

Em 1985, iniciei um trabalho regular junto ao jornal Leia, com colaborações regulares mensais em uma coluna sob minha responsabilidade, denominada "Imprensa". O trabalho estendeu-se até o final do ano.

Desde fevereiro de 1986, atuei full time como jornalista profissional junto à Coordenadoria de Atividades Culturais da Universidade de São Paulo. Iniciei na Codac como diretor de divisão (Divisão de Comunicação Social, depois alterada para Divisão de Publicações). Lá, retomei a edição do Jornal da USP, do qual haviam saído apenas dois números em 1985, e o reformulei inteiramente. Imprimi-lhe um caráter jornalístico, criei uma periodicidade, ampliei o quadro de repórteres-redatores, criei a Agência CODAC, em suma, reestruturei toda a área jornalística da Divisão, a ponto de ela poder, de fato, funcionar como uma central informativa.

Criei também o Sistema Integrado de Informação (SINT), cuja função foi a de unificar todo o serviço informativo da divisão, criando redes de correspondentes nas diversas unidades da USP, coordenando o serviço de distribuição do

jornal e demais periódicos, além de atuar incentivando a remessa de contribuições. Editei o boletim Pré-pauta, informativo para jornalistas sobre as atividades científicas e culturais da USP, do número 57 ao 80, e 14 números do Calendário cultural.

Além de uma edição especial (fevereiro de 1986) e de uma extra ("A reforma dos estatutos da USP"), editei oito números do Jornal da USP em 1986 (3 ao 10).

Até o Jornal da USP de 8, redigi os editoriais dos mesmos (3: "Por um novo jornalismo universitário"; 4: "O arejamento democrático que faltava"; 5: "Detendo a depredação urbana", "1.º de Maio: a vez da USP"; 6: "Que se instale o debate", "Adeus, prof. Cruz"; 7: "Um novo tempo para a ciência", "Por uma universidade competente", 8: "Os estudos avançados instalam-se na USP", "Permanecerão os donos do poder?"), além de outras matérias ("A terra ficará tão inabitável como a lua", 5, "Prokop discute fascinação e tédio", 6, "Ética e sociedade: a responsabilidade histórica dos homens de hoje", 7, "A interdisciplinaridade universitária", 8, "Jornalismo para massas", 9).

Além do Jornal da USP, dos boletins Pré-pauta e Calendário cultural, fui editor das seguintes publicações da Codac em 1986: Revista da Universidade de São Paulo, número 2, Cadernos da Universidade de São Paulo, número 1 e 2.

Não posso dizer que esta intensa atividade profissional desenvolvida no ano de 1986 funcionou apenas como complemento da produção intelectual. Foi, sem dúvida, um período de intenso trabalho que me roubou, de fato, o tempo para a atualização teórica e a preparação de aulas dos cursos de pós-graduação e graduação. Igualmente minha produção de textos ficou parcialmente prejudicada pela intensidade do trabalho profissional.

Creio que o ritmo de trabalho desenvolvido junto à Codac-USP devesse sofrer um disciplinamento para não prejudicar a continuidade de reflexão teórica e de produção científica. Por outro lado, não me parece que essa atividade

profissional incida ou tenha incidido decisivamente no meu desenvolvimento teórico. Funciona mais como retorno à prática, como meio de recuperar a ligação com o real-concreto e com a dinâmica do cotidiano. Em termos teóricos e intelectuais, porém, parece-me que essa prática é muito pouco enriquecedora. Entra-se num esquema industrial de produção de textos e de matérias, e a reflexão desaparece por força do ritmo de produção.

A atividade intelectual, contudo, parece necessitar dessas paradas, da calma, da tranqüilidade para sentir as idéias ecoarem no psiquismo do pensador. É mais rica e gratificante, embora receba-se muito menos do ponto de vista financeiro. Novamente, o mesmo dilema - agora com coloração diferente - apresentado no capítulo 4: sedução da pragmática ou insistência na especulação? Ou se trabalha pelo imediato, pela produtividade em si como meta, pela recompensa pecuniária (um pragmatismo, neste caso, sem idealismo), ou se investe na produção teórica, no especulativo, movido pelo amor à arte, pela dedicação sub-remunerada a um princípio, a uma filosofia de vida, a uma idéia de ciência. A universidade está cheia desses missionários da ciência que embora pouco valorizados pelo mercado de trabalho externo (orientado por outros valores, preocupado mais em localizar e explorar estrelismos, ídolos intelectuais de massa, modismos, olimpianos da cultura para massas), permaneceram nessa luta pouco valorizada dentro da universidade. Antonio Candido, Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda são apenas alguns deles.

A dualidade no servir a dois senhores (a empresa lá fora e a ciência aqui dentro) mantém esses problemas e essa contradição no trabalhador intelectual. Enquanto a valorização do cientista não o equiparar ao profissional de fora da universidade, creio que não podemos falar em primazia da ciência ou na possibilidade de ela assumir seu lugar e propor novos rumos à sociedade.

8. Referências comprobatórias

Documentos

Pág.33 Linha 6

Diploma de Jornalismo (A23)

Linha 8

Diploma de Ciências Sociais (A24)

Linha 36

Apostilas de Cursos (B17 a B35)

Documentos de comprovação como professor de curso de madureza (A39)

Apostilas do Curso Lema (B45)

Comprovação de sócio do Curso Lema (B45)

Presidente do Centro Acadêmico Lupe Cotrim(A103)

Pág.34 Linha 36

"Jornalismo Audiovisual e Teleducação" (A79)

I Semana de Estudos de Jornalismo (A80)

III Semana de Estudos de Jornalismo (A81)

IV Semana de Estudos de Jornalismo (A82)

V Semana de Estudos de Jornalismo (A83 e A84)

VI Semana de Estudos de Jornalismo (A85)

Pág.35 Linha 21

Organizador da VI Semana de Estudos de Jornalismo (A31)

VII Semana de Estudos de Jornalismo e Organizador da mesma (A32)

Primeiras publicações realizadas:

"Sistema de responsabilidade social"(1970) (C12)

"Nem alquimia, nem astrologia: jornalismo"(1974) (C13)

Textos do período inéditos:

"Getúlio Vargas: ascensão e queda do nacionalismo no Brasil (B1)

"A noção de inconsciente em Lévi-Strauss" (B2)

(Co-autoria) "A atuação do Estado na promoção da industrialização" (B4)

(Co-autoria) "O continente europeu" (B5)

(Co-autoria) "Importância teórica e limitações da noção de dependência" (B6)

(Co-autoria) "A formação da classe média na África Negra" (B7)

"Técnica de Radiojornalismo" (B3)
 "Elaboração Teórica da Pesquisa" (material de aula) (B16)

Pág.35 Linha 26

Co-fundador, diretor executivo e diretor geral do Centro de Pesquisas Aplicadas em Comunicação (A26, A27)

Pág.36 Linha 4

Pré-avaliação do programa "Novos Ares" (A9)

Linha 9

Pesquisa sobre penetração dos veículos de comunicação (A5)

Linha 11

Pesquisa sobre líderes de opinião e carências comunitárias (A6)

Linha 12

Pesquisa de Auto-flagrante (A4)

Linha 13

Publicações realizadas (cadernos):

Pesquisa de Auto-flagrante. Audiência de rádio em automóveis na cidade de Santos, S.Paulo, 1973 (C6)

Pesquisa de penetração dos veículos de comunicação na cidade de Santos. Pesquisa domiciliar. S.Paulo, 1973 (C7)

Pesquisa de carências comunitárias e "líderes de opinião" na cidade de Santos. S.Paulo, 1973 (C8)

Linha 19

Pré-avaliação do programa "Novos Ares" (A9)

Linha 35

Orientação de pesquisa no Centro de Comunicação Social do Nordeste (Cecosne) (A28)

Pág.37 Linha 20

Encarregado do Setor de Pesquisa do Depto. de Jornalismo da ECA/USP (A30)

Pesquisa de Auto-flagrante II (Santos, 1973) (A7)

Pesquisa sobre mercado de trabalho para bacharéis em Comunicação na Baixada Santista (Santos, 1973) (A8)

Pesquisa sobre a influência dos veículos de comunicação na cultura brasileira (Santos, 1973) (A10)

- Mass media and environment affairs. (Levantamento de dados. Santos, 1976) (A12)
- Pesquisa sobre desfavelamento de Mongaguá (Não-acadêmica, Santos, 1975) (A13)
- Imagem da SBS. Reclamações e sugestões (Não-acadêmica, Santos, 1972) (A14)
- Perfil do quadro associativo do Sindicato do Comércio Varejista de Santos (Não-acadêmica, Santos, 1974) (A15)
- A imagem do jornal "A Tribuna" (Não-acadêmica, Santos, 1974) (A16)
- Arrolamento de unidades economicamente ativas (Não-acadêmica, Santos, 1974 e 1975) (A17, A18)
- Publicação correlata: (Co-autoria) "Mercado de trabalho para bacharéis em Comunicação na Baixada Santista" Santos, 1974 (C14)

Pág. 38 Linha 4

Pesquisa sobre formas e procedimentos da administração escolar (São Paulo, 1973) (C1, A29)

Linha 15

Pesquisa sobre nível de escolaridade e aspirações profissionais da mão-de-obra adolescente (Capão Bonito e Paranapanema, 1973/4) (C2)

Publicação realizada: Capão Bonito e Paranapanema. Nível educacional e aspirações profissionais da mão-de-obra adolescente. São Paulo, 1974

Linha 33

Conforme referências relativas à pág. 37, linha 20

Linha 42

Cursos frequentados: Processo Ideológico e Processo de Desenvolvimento; Tecnologia e Desenvolvimento; Sociologia do Desenvolvimento; Teoria Política; Estudos de Problemas Brasileiros (A96, A97)

Textos do período inéditos:

"O conceito de intelectual em Gramsci" (B8)

"A proposta de Althusser" (B50)

Dissertação de mestrado: Elementos para uma Estética Sociológica. Um estudo de Lima Barreto. São Paulo, 1975 (A2, C4, A22)

Pág.44 Linha 9

A Linguagem da sedução. A conquista das consciências pela fantasia. São Paulo, Com-Arte, 1985 (C32)

Linha 26

Comunicação, Ideologia e Dominação. Análise da esfera pública não-burguesa em períodos de crise hegemônica capitalista. Frankfurt (M), 1981 (C5)

Livro publicado: Massenmedien als politische Handlung. Zur Rolle der nichtetablierten Medien in der kapitalistischen Gesellschaft. Frankfurt/M., 1981 (C10)

Pág.48 Linha 38

Comprovante de defesa de tese e diploma de doutorado (A3,A21)

Pág.49 Linha 2

Idem à pág.44, linha 26

Linha 8

Bolsa do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (abril de 1976 a junho de 1981) (A100)

Linha 13

Bolsa da FAPESP (1976-1978) (A98,A99)

Linha 20

Popular alternatives to the mass media (IAMCR, Barcelona/Cambrils, 1978) (A86)

Congresso anual da Internacional Association on Mass Communication Research - IAMCR, Varsóvia, 1978 (A87)

Itália: política e cultura. Osnabrück (RFA). 1979 (s/c)

Filme no nacional-socialismo, 2 semestres, Höchst (RFA) 1979/1980 (s/c)

Linha 25

O discurso sufocado. São Paulo, Loyola, 1982 (C11)

Pág.51 Linha 6

VI Ciclo de Estudos Interdisciplinares de Comunicação. Expositor (S. Paulo, 1981) (A88)

Democratização da Comunicação no Terceiro Mundo (S.B. do Campo, 1981) (A34)

Linha 8

- "Triste e sonhadora esquerda brasileira" (sob pseudônimo) (A35)
- "A propósito de 'Um dia sem TV'" (A36)
- "Contracomunicação oficial e espontânea" (C15)
- "O novo caráter da censura" (C16)
- "O Estado e a ação cultural" (C17, B46)
- "O enterro de Althusser" (C18)
- "Contra-informação" (verbete) (C19)
- "Imperialismo cultural, o grande vilão na destruição da 'nossa' cultura" (C20)
- "28^o Congresso Mundial de Publicidade" (C21)
- "Revolução molecular entre nós" (C22)
- "Jornalismo comunitário e mobilização popular" (C35)
- "Alunos: a nota do professor" (A113)
- "ECA: do arbítrio à autonomia" (C33)
- "O monopólio da teleducação nas mãos da Globo" (C23)
- "Primeira investigação séria sobre RP no Brasil" (resenha) (C16)
- "Estudos iniciais interessantes sobre América Latina": (resenha) (C22)
- "Jornalismo popular e TV", (resenha) (A37)
- "Propaganda, um inimigo terrível". (mesa-redonda) (C25)

Textos do período inéditos:

- "Experiências didáticas desenvolvidas no Centro Educacional Tiradentes do Sindicato dos Metalúrgicos de S.B. do Campo" (1979) (B9)
- "O discurso machista e o direito de dizer 'não'" (B10)
- "Os asnáticos e o partido" (B11)
- "Discurso da oposição. Uma anticomunicação?" (B12)
- "Histórias e desventuras de um jornal de oposição no Brasil" (B13)

Linha 22

Membro do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento da Pesquisa da Soc. Visc. de S. Leopoldo (Santos) (A33, A109)

Linha 34

Comunicação em Questionamento (S. Luís, 1982).
Exposição: Os MCM alternativos" (A90)

Comunicação intercultural: depoimentos (S. Paulo, 1982) Exposição: A experiência alemã (A91)
Linha 36

Formas de comunicação alternativa (Salvador, 1982). Exposição: Comunicação alternativa (A92)
Os meios de comunicação alternativos na Alemanha após 1968 (Salvador, 1982). Exposição única (A92)

Linha 39

I Semana de Jornalismo Internacional (S. Paulo, 1981) (A89)

Linha 41

Simpósio sobre Comunicação, Ciência e Cultura (S.B. do Campo, 1983). Exposição: Publicidade transnacional (A94, A95)

Pág.52 Linha 1

Situação atual da pesquisa em comunicação na Alemanha e na Itália (S. Paulo, 1982) (C34)

Pág.52 Linha 10

Título de Livre-Docente pela USP (A107)

Linha 13

Tese de livre-docência: "O capital da notícia. Jornalismo como produção social da segunda natureza" (C30)

Pág.56 Linha 31

III Encontro de arte-educadores (S. Paulo, 1983).
Exposição: Arte e ideologia (A153)

I Semana de Comunicação de Santos (1984) (A152)

Linha 35

Nomeado editor da revista Comunicações e Artes, da ECA/USP (A78)

Traduções do alemão:

"A crítica da estética da mercadoria", W.F. Haug (B36)

"A 'Internacional' como canção popular?" P. Kammerer (B37)

"A luta e seus meios", J. Goebbels (B38)

"A ideologia de blocos", A. Kluge e O. Negt (B39)

"Do azar a catástrofe", E. Bloch (B40)

"Conversas com Ernst Bloch", E. Bloch (B41)

"Meios de comunicação e desejo subversivo", U. Reyher (B42)

"Entretenimento de massas na esfera do trabalho e lazer", M. Buselmeier (B43)

- "A terra ficará tão inabitável como a Lua", Ta-
geszeitung (B44)
- "A estrutura do produto", D. Prokop (B48)
- "A estrutura monopolista da produção cinemato-
gráfica", D. Prokop (B51)
- "O trabalho com estereótipos", D. Prokop (B52)
- "Signos de felicidade e de destruição", D. Pro-
kop (B53)
- "O perfeito cantor de sucesso", D. Prokop (B54)
- "Consciência de massa e positivismo prático", D.
Prokop (B55)
- "Esfera pública", D. Prokop (B56)
- "Fascinação e tédio na comunicação", D. Prokop
(A120,A123)
- Certificados de proficiência em linguas (A101,
A102)

Pág.57 Linha 10

Comunicações e Artes (12), 1983 (C33)

Linha 13

Comunicações e Artes (13), 1985 (C43)

Linha 18

Comunicações e Artes (14), 1986; (15), 1986
(C44, C61)

Linha 34

A linguagem da sedução. Já mencionado anterior-
mente (C32)

Pág.58 Linha 32

O capital da notícia. Jornalismo como produção
social da segunda natureza. São Paulo, Ática,
1986 (C50)

(Org.) Imprensa e capitalismo. S.Paulo, Kairós,
1984 (C31)

Linha 37

Dieter Prokop. Sociologia. São Paulo, Ática,
1986 (C39)

I Simpósio Internacional de Comunicação, Cultura
e Ideologia (S.Paulo, 1986) (A204)

Pág.59 Linha 10

Membro do Conselho de Ensino e Pesquisa da Soc.
Visc. S. Leopoldo (Santos, 1984) (A110)

Membro da Câmara de Assuntos Acadêmicos da Soc.
Visc. de S. Leopoldo (Santos, 1984) (A111)

Coordenador da linha de pesquisa em Comunicação da Faculdade de Comunicação de Santos, 1984 (A112)

Pág.59 Linha 23

Investigação "in loco" com entrevistas e observações nos seguintes meios de comunicação europeus: jornais Tageszeitung, Libération, rádios Popolare e Regione e no Centro para Comunicação Alternativa de Frankfurt, 1984 (A104, A105, C38)

Linha 35

"A outra alternativa da imprensa", Folha de S. Paulo, 1984 (A114)

"A esquerda usa as armas do sistema", Leia, 1984 (A115)

"Rádio Popolare", Lua Nova, 1985 (C40)

O capital da notícia, já mencionado anteriormente (C50)

Linha 39

(Org.) Imprensa e capitalismo, já mencionado anteriormente (C31)

Pág.60 Linha 34

"Censura: elementos para uma teoria" (C36)

"Publicidade transnacional e a submissão da cultura" (C36)

"Imprensa e capitalismo" (C31)

"O caráter de mercadoria da informação" (C43)

Pág.61 Linha 32

"Cinco teses equivocadas sobre poder, propaganda política e cultura" (A160)

"Imaginário, o arquiteto da revolução" (este, e os seguintes, 1985) (C32)

"A Folha e as diretas já" (A116)

"Fantástico, Gil Gomes e Quase 84: a ideologia da felicidade, da transferência e do mito na comunicação massificada brasileira" (C47)

"Carnaval eleitoral: o outro lado da festa é a tragédia" (C47)

"Imprensa liberal e sensacionalista" (C48)

"A crise do jornalismo" (A185)

"Morte e vida do velho Pasquim" (A186)

"Village Voice: o brinquedo dos milionários" (A187)

"Libération: o pai da idéia" (A164)

"Os partidos e a TV" (C44)

"13 teses (provocativas) sobre classes sociais, Estado e imaginário" (C61)

"Shopping center, o LSD da classe média" (C61)

"Ideologia são as práticas cotidianas" (C44)

"Dieter Prokop. Introdução" (B47, C51)

"A morte do grande chefe" (A188)

"Sobre o marketing no jornalismo" (C52)

Pág.62 Linha 23

I Congresso do Corpo (Santos, 1985). Exposição: Corpo e os Meios de Comunicação (A183)

Semana do Trabalhador (S.Paulo, 1985). Exposição: O que é Imprensa Militante" (A158)

Semana de Jornalismo na PUC (S.Paulo, 1985) (s/c)

III Simpósio de Comunicação, Ciência e Cultura (S.B. do Campo, 1985) (A184)

Debates sobre a Constituinte (S.Paulo, 1985). Exposição: Constituinte e os Meios de Comunicação (A179)

Cauim discute a Constituinte (Ribeirão Preto, 1986) Exposição: Constituinte e os Meios de Comunicação (A203)

I Simpósio de Comunicação, Cultura e Ideologia, já mencionado anteriormente

Linha 44

A linguagem da sedução; já citado anteriormente. (C32)

Pág.63 Linha 1

(Org.) Política e Imaginário nos Meios de comunicação para massas no Brasil. São Paulo, Summus, 1985 (C47)

Linha 3

O que todo cidadão precisa saber sobre ideologia. S. Paulo, Global, 1985 (C45)

Pág.64 Linha 30

Comunicações e Artes, 13, já citado anteriormente (C43)

"Imaginário, o arquiteto da revolução", já citado anteriormente (C32)

Pág.65 Linha 35

"A Folha e as diretas já", já citado anteriormente (A116)

Pág.66 Linha 13

"Cinco teses equivocadas...", já citado anteriormente (A160)

Linha 42

"Rádio Popular", já citado anteriormente (C40)

Linha 43

Ver referências a pág. 62, linha 18

Pág.67 Linha 4

Programa Vamos Ler (fevereiro de 1985) (C39)

Programa De Letras (junho de 1985) (C39)

Programa Vamos Ler (julho de 1985) (C39)

Programa De Letras (julho de 1985) (C39)

Programa Vamos Ler Especial(julho de 1985) (C49)

Entrevistado pela revista Arquitetura e Urbanismo, 2, (7): "Na onda da ressaca" (C59)

Linha 9

Fascinação e Tédio na Comunicação (A192)

Linha 22

I Simpósio de Comunicação, Cultura e Ideologia, já mencionado (A204)

Promoção do ciclo de palestras: Consumo e Política com a presença de Wolfgang F. Haug, da RFA (A206)

Linha 31

Comunicação para o Ano 2000 (A205)

Pág.68 Linha 11

Indústria cultural no Brasil: emergência e situação atual (A199)

Pág.72 Linha 7

O capital da notícia, já mencionado anteriormente (C50)

Linha 13

Dieter Prokop. Sociologia, já mencionado anteriormente (C51)

Linha 36

O que todo cidadão precisa saber sobre violência das massas no Brasil. São Paulo, Global, 1986 (C57)

Linha 38

Violência Política. São Paulo, Moderna, 1986
(C58)

Linha 40

Quem manipula quem? Poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1986 (C56)

Pág.73 Linha 25

"Telenovela e a lógica do capital" (C53)

Pág.74 Linha 9

Ensaio: "13 teses (provocativas)...", "Shopping center...", "Ideologia são as práticas...", "Marketing jornalístico", já mencionados anteriormente.

Linha 11

"Comunicação de massa, em massa e para massas. Pela exatidão de um conceito". (C207)

Linha 18

"Alternativos: pé no chão e dinheiro no bolso" (C54)

Linha 20

Comunicações e Artes, nº 14 (já mencionado anteriormente) (C44)

Comunicações e Artes, nº 15 (C61)

Comunicações e Artes, nº 16 (A208)

Comunicações e Artes nº 17 (A208)

Comunicações e Artes, nº 18 (A208)

Linha 23

Conselho editorial da revista Comunicação & Sociedade (C37)

Conselho editorial da Editora Argonave (A167)

Conselho editorial dos órgãos laboratoriais da Fac. de Comunicação do Inst. Metodista de S.B. do Campo (A168)

Linha 29

Entrevista ao jornal Corriere de la sera, ed. bras. (9/86) (s/c)

Pág.77 Linha 14

Professor de curso de madureza (CPE) (B18 a B28)

Professor de curso de madureza (Neolatino) (s/c)

Professor de curso de madureza (São Paulo) (A39)

Professor de curso de madureza (Lema) (B45)

Pág. 78 Linha 27

Docência superior: Faculdade de Comunicação de Santos Depto. de Estudos Básicos e Depto. Publicidade (A50)
Escola de Comunicações e Artes da USP. Depto. de Rel. Públicas (A41)

Pág.79 Linha 29

ECA-USP, Depto. de Jornalismo e Editoração (Graduação) (A42,A43)

Linha 33

Chefe do Centro de Pesquisas Aplicadas em Comunicação (Santos) (A27)

Pág.80 Linha 1

Fac. Comunicação de Santos, 1981: Depto. Básico e Depto. de Jornalismo (A51 a A53; A108,A118)
Professor Titular de Sociologia (Santos) (A25)
Professor Titular de Comunicação Comparada (Santos) (A118)

Linha 40

ECA-USP, 1981: Depto. de Jornalismo e Editoração (disciplinas: Política Ideologia e Jornalismo, Jornalismo Comunitário, Teoria do Jornalismo, Projeto I) (A44 a A49; A119,A123)

Fac. Comunicação Social do Inst. Metodista: Depto. Básico e Depto. de Jornalismo (Disciplinas: Técnicas de Codificação Verbal I e II, Comunicação Comparada) (A54,A125,A126)

Linha 43

Nível de Pós-Graduação: Contracomunicação, Cultura e Crise Hegemônica (USP, 1982) (A55)

Pág.82 Linha 7

Políticas de Comunicação (IMS, 1982) (A34,A128)

Linha 8

Aulas de graduação: v. referências da pág. 80, linha 40)

Linha 11

Pesquisa em Comunicação de Massa e Ind. Cultural (PUC, 82) (A62,A63)

Linha 18

Teorias sobre a Ideologia. Fetichismo e Alienação na Indústria da Consciência I e II (A55 a A57) (A127)

Pág.82 Linha 20
v. referências da pág.80, linha 40

Pág.83 Linha 36
Comunicação Alternativa (IMS) (A59)
Análise de Conteúdo da Comunicação (IMS) (A61,
A128, A124)
O Real e o Imaginário na Comunicação (IMS)(A174,
A135)

Linha 41
O Estado Capitalista, Classes Sociais e a Im-
prensa, I: O Jornal Liberal (Estudo d'O Estado
de S.Paulo) ECA/USP (A130, A172)

Linha 43
O Discurso Fascista. Ideologia e Propaganda Po-
lítica. (ECA/USP) (A55, A58)

Pág.84 Linha 1
O Produto Cultural no Capitalismo Avançado (ECA/
USP) (A172)

As Massas Modernas: Cultura e Ação Social no Ca-
pitalismo (ECA/USP) (A173)

Psicanálise da Comunicação (ECA/USP) (A209)

Linha 8
A Linguagem da TV (IMS) (A169)
Metodologia da Pesquisa Qualitativa em Comunica-
ção (IMS) (A169)

Linha 10
Lato Senso: Usos e Abusos dos Meios de Comunica-
ção (Santos) (A154)

Módulos: Cultura Popular e Sociedade Industrial
(A131, A132)

Comunicação e Sociedade (A133, A134)

A Dimensão Política: O Controle dos
Meios (A137)

Discursos Políticos Expressos e Laten-
tes (A138)

Psicologia de Massas e Comunicação
(A139)

A Dimensão Psicanalítica da Produção
Cultural em Massa (A140)

Palestra proferida: Psicanálise da Comunicação
(15.4.86) IMS (s/c)

Entrevista concedida ao programa Imprensa no Rá-
dio, da Rádio Cultura de SP, 4.3.86 (s/c)

- Linha 21
- Consultor da Comissão para expor a situação do Depto. de Jornalismo ECA/USP (A68)
- Membro da Comissão para o Anteprojeto de Alteração Estatutária da USP (A69)
- Membro da mesa para Eleição das categorias docentes no CO/USP (A70)
- Consultor da comissão para expor a situação do Depto. de Jornalismo ECA/USP (A71)
- Membro do Colegiado de Pós-Graduação da ECA/USP (A72)
- Coordenador do Colegiado de Pós-Graduação do CJE-ECA/USP (A73)
- Presidente da Comissão para Concurso de Jornalismo Popular (A74)
- Representante Suplente dos Doutores do Conselho CJE da ECA/USP (A75)
- Representante do CJE no Simpósio sobre Monopólio da Comunicação no Brasil (A76)
- Membro da Comissão do Cinquentenário da USP (A77)
- Representante do Diretor da ECA/USP junto a Abecom (A151)
- Representante dos Livres-Docentes na Congregação da ECA/USP (A147)
- Suplente dos Livres-Docentes do Conselho do CJE-ECA/USP (A148)
- Membro da mesa para eleição de representante docente no CO/USP (A149)
- Membro da Comissão de Sindicância da ECA/USP (A150)
- Membro da Comissão Organizadora do I Simpósio de Comunicação de Santos (A152)
- Membro da Mesa para eleição de Representante Docente na Congregação da ECA/USP (A165)
- Membro da Comissão para receber críticas à Reforma dos Estatutos da USP (A166)
- Chefe do Departamento Básico da Fac. Comunic. Santos (A157)
- Membro da Comissão da ECA para elaborar propostas à Constituinte (A196)
- Membro da Comissão da ECA para reorganizar os cursos de Comunicação (A197)
- Presidente da Comissão Setorial de Avaliação da Carreira de Técnicos Especializados da Codac/USP (A200)

Pág.87 Linha 24

Orientandos em Trabalho de Conclusão de curso
(A64,A141)

Pág.88 Linha 36

Orientandos em Mestrado (A142 a A144)

Pág.90 Linha 38

Orientandos em Doutorado (A34,A65,A142)

Pág.92 Linha 21

Exames de Qualificação:

Edgard Silva Pereira (IMS) (A66)

Valdir Mengardo (ECA/USP) (A145)

Sandra M. Albuquerque IMS) (A146)

Defesa de Tese de Mestrado: Oswaldo Coimbra
(IMS) (A67)

Concurso de Livre-Docência: José Teixeira C.
Netto (ECA) (A178)

Defesa de Tese de Mestrado: Carlos A. Adi Vieira
(ECA) (A189)

Defesa de Tese de Mestrado: Alceu Antonio da
Costa (IMS) (A190)

Defesa de Tese de Doutorado: Martha G.A. d'Aze-
vedo (ECA) (A191)

Concurso de Ingresso ao Depto. de Jornalismo da
ECA/USP (A194)

Concurso de Ingresso ao Depto. de Bibliotecono-
mia ECA/USP (A195)

Pág.97 Linha 28

Editor do jornal Ah!Lar...Rico (secundarista)
(C27)

Editor da revista Argonave (FFLCH/USP) (C26)

Editor da revista Painel (Fac. Com. Santos)
(B14,B15)

Pág 98 Linha 8

Crítico de livros da revista Briefing (C28)

"A outra alternativa da imprensa", já mencionada
(A114)

"A esquerda usa as armas do sistema", já mencio-
nada (A115)

"Rádio Popular", já mencionada (C40)

"O monopólio da teleducação nas mãos da Globo",
já mencionada (C23)

"Publicidade transnacional e a submissão da cultura", já mencionada (C36)

Artigos no jornal Leia (v. referências da pág. 61, linha 32)

Linha 30

Codac/USP: Diretor da Divisão de Comunicação Social (A193)

Linha 33

Editor do Jornal da USP (n^os 3 a 10) (B57)

Linha 37

Criador da Agência Codac (s/c)

Linha 41

Criador do Sistema Integrado de Informação- SINT (A202)

Pág.99 Linha 3

Editor do boletim Pré-pauta (B58)

Linha 5

Editor do Calendário Cultural da USP (B59)

Linha 28

Editor da Revista da Universidade de São Paulo,
n^o 3 (B62)

Linha 29

Editor dos Cadernos USP, n^o 1 (C55)

9. Notícia biográfica

Ciro Juvenal Rodrigues Marcondes Filho, que se assina também *Ciro Marcondes Filho*, é natural de São Paulo, Capital, nascido aos 9 de setembro de 1948, filho de *Ciro Juvenal Rodrigues Marcondes* e de *Yolanda Calvo Marcondes*. É casado há 13 anos com *Mariza Soares Marcondes*, socióloga e tradutora. Realizou o curso primário na Barra Funda (Canuto do Val), de 1955 a 1956, completando-o em Pinheiros (Alfredo Bresser), de 1957 a 1959. Cursou o ginásio em Cerqueira César (Antonio Alves Cruz) de 1960 a 1963 e o colégio (Alarico Silveira) de 1965 a 1967. Em 1968 ingressou na Escola de Comunicações da USP e em 1969 no curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, formando-se em ambas em 1972. De 1973 a 1975 realizou o mestrado nesta segunda, defendendo a tese em janeiro de 1976. Doutorou-se em Sociologia da Comunicação na cidade de Frankfurt, Alemanha Ocidental, em 1981. Realizou o concurso de Livre-Docência na ECA-USP em 1983 e para Professor Adjunto em 1985. É docente efetivo da ECA-USP, tendo ingressado como auxiliar de ensino em 1974.